

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Educação



Dissertação

**A Escola de Belas Artes de Pelotas:
da Fundação à Federalização (1949-1972)**
uma contribuição para a história da educação em Pelotas

Clarice Rego Magalhães

Pelotas, 2008

Clarice Rego Magalhães

**A ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS:
DA FUNDAÇÃO À FEDERALIZAÇÃO (1949-1972)
uma contribuição para a história da educação em Pelotas**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação (linha de pesquisa História da Educação).

Orientador: Prof.^a Dr.^a Giana Lange do Amaral

Pelotas, 2008

Banca examinadora:

Prof^ª Dr^ª Giana Lange do Amaral (FaE/UFPEL)

Prof^ª Dr^ª Maria Teresa Santos Cunha (PPGE/UDESC/SC)

Prof^ª Dr^ª Rosária Ilgenfritz Sperotto (FaE/UFPEL)

Prof^ª Dr^ª Úrsula Rosa da Silva (IAD/UFPEL)

Dedicatória

Dedico este trabalho à memória de Dona Marina de Moraes Pires.

Agradecimentos

À professora e orientadora Giana, por acreditar neste trabalho, pela condução segura nesta bela área do conhecimento que é a história, e pelo apoio no momento mais difícil.

À Dr.^a Janice Pires Corrêa Franco por, generosamente, permitir a consulta a seu acervo pessoal, que teve papel fundamental neste trabalho de pesquisa.

Às entrevistadas D. Yeda Machado Luz, Maria Luiza Pereira Lima, Luciana Renck Reis e Therezinha Röhrig, pela preciosa participação através de seus depoimentos.

À professora Maria Teresa Santos Cunha, pela disponibilidade apesar da distância geográfica, e pelas preciosas sugestões na qualificação desta pesquisa.

Às professoras Rosária Sperotto e Úrsula Rosa da Silva, pelas colaborações na qualificação do trabalho, enriquecendo, com outros olhares, o trabalho em história.

Ao professor Elomar Tambara, pelo conhecimento compartilhado, nas aulas e no CEIHE.

“O presente tem um interesse vivo pelo passado: quer se compreender como continuidade e diferença em relação a ele.” (REIS, 1996)

Resumo

O presente estudo constitui-se em pesquisa histórica a respeito de uma instituição de ensino superior: A Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA), atual Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas (IAD-UFPEL). O foco da investigação é o surgimento e os primeiros 23 anos da instituição, ou seja, do ano de 1949, data da fundação, como curso particular, até a federalização, em 1972, quando passa a ser uma instituição pública de ensino. O trabalho é realizado dentro da proposta teórica da História Cultural. O método empregado é a pesquisa documental, e são utilizados principalmente os arquivos da instituição, um arquivo particular e entrevistas realizadas pela pesquisadora. Estes achados da pesquisa são abordados de acordo com o referencial teórico adotado. O trabalho investiga e analisa as condições que proporcionaram a criação desta instituição e também a sua trajetória até a federalização (assim, paralelamente, o estudo traz elementos construtores de identidade da instituição). Para tentar entender este processo, faz um apanhado da história da cidade de Pelotas, da história das instituições de ensino de arte e investiga a participação de personalidades que teriam influído decisivamente na implementação do curso em estudo. Com as informações trazidas por esta pesquisa, pôde-se inferir que o surgimento da Escola em 1949 se deu por uma combinação de fatores, os quais seriam o contexto (a cidade de Pelotas) e a atuação de indivíduos, como Dona Marina de Moraes Pires – cujo empenho em proporcionar à cidade um curso em nível superior de arte foi o que “fez a diferença” – e o pintor italiano Aldo Locatelli.

Palavras-chave: história da educação; história das instituições escolares; história das instituições de ensino da arte.

Abstract

The present study is a historic research about an institution of university level: the Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA), nowadays Instituto de Artes e Design of the Universidade Federal de Pelotas (IAD–UFPEL). The investigation focus is the origin and the first 23 years of the institution, that is, from 1949, the year of its foundation, as a private course, until 1972, when it became a federal public educational institution. The work is carried out within the scope of the Cultural History theory proposition. The method adopted is that of documental research, mainly of the institution archives, of a private archive and through personal interviews conducted by the researcher. The findings of the research are treated according to the theoretic references adopted. The work investigates and analyses the conditions that led to the creation of this institution and also its trajectory until it became a federal institution (thus, in a parallel way, the study reveals elements that constructed the identity of the institution). To attempt to understand such a process, the work makes a recollection of the history of Pelotas, of the history of art teaching institutions, and investigates the participation of personalities that probably had decisive influence over the implementation of the studied art course. With the information obtained through this research it has been possible to infer that the advent of the school in 1949 occurred as a result of a combination of factors, such as the context (the city of Pelotas) and the action of individuals, as Dona Marina de Moraes Pires - whose efforts to offer to the city an art course of university level “made the difference”- and the Italian painter Aldo Locatelli – the first painting teacher of the art course.

Key-words: history of education; history of teaching institutions; history of the art teaching institutions

Lista de Figuras

Figura 1	Retrato em óleo sobre tela de D. Marina de Moraes Pires.....	51
Figura 2	Aviso informando data e local para matrícula no Curso	
I	Preparatório da Escola de Belas Artes de Pelotas.....	52
Figura 3	Fotografia de 1951, mostrando aula de pintura na Escola de	
I	Belas Artes.....	55
Figura 4	Placa de bronze, inaugurada em 1968, em reconhecimento à	
I	contribuição de D. Marina para a cultura da cidade.....	65
Figura 5	Mesa das autoridades no dia da cerimônia inaugural do Curso	
I	Preparatório Para a Escola de Belas Artes de Pelotas.....	72
Figura 6	Assistentes da cerimônia de inauguração, no dia da fundação do	
I	Curso Preparatório da Escola de Belas Artes de Pelotas.....	73
Figura 7	Aula de Pintura na Escola de Belas Artes, no ano de 1951.	
I	A aluna Maria Luiza Caruccio e o modelo “Tarzan”.....	75
Figura 8	O pintor e professor Aldo Locatelli com alunos da primeira	
I	turma da Escola de Belas Artes.....	77
Figura 9	Fotografia do prédio que foi alugado pela EBA, situado à Rua	
I	General Osório, 868.....	80
Figura 10	Aula na rua, em frente ao prédio doado à Escola de Belas Artes e que	
I	pertencera a Escola de Agronomia Eliseu Maciel.....	82
Figura 11	Fotografia da doadora do prédio próprio para a Escola de Belas Artes,	
I	D. Carmem Trápaga Simões.....	84
Figura 12	Fotografia do prédio doado por D. Carmem Trápaga Simões à	
I	Escola de Belas Artes em 1963.....	85

Lista de Abreviaturas e Siglas

CEIHE Centro de Estudos e Investigações em História da Educação

EBA Escola de Belas Artes

EBA-RJ Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro

IA Instituto de Artes

IAD Instituto de Artes e Design

ILA Instituto de Letras e Artes

SAMALG Sociedade Amigos do MALG

UFPEL Universidade Federal de Pelotas

UFRGS Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFRJ Universidade Federal do Rio de Janeiro

Sumário

INTRODUÇÃO.....	13
1 REFERÊNCIAS TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	25
1.1 As Fontes.....	28
1.1.1 As Fontes Escritas.....	29
1.1.2 As Fontes Orais.....	33
1.2 O Trabalho com as Fontes: a construção da narrativa.....	35
2 A CIDADE DE PELOTAS E AS INSTITUIÇÕES DE ENSINO DE ARTE.....	40
2.1 Pelotas, a “Atenas do Rio Grande”	40
2.2 Pelotas e o Ensino das Artes Plásticas.....	41
2.3 A Sociedade Pelotense e a UFPEL.....	44
2.4 As Instituições de Ensino de Arte.....	45
3 D. MARINA DE MORAES PIRES.....	49
3.1 Os Documentos Escritos.....	52
3.2 As Entrevistas.....	53
3.3 O Diário de Dona Marina.....	58
3.4 As Notícias nos Jornais.....	61
4 A ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS.....	66
4.1 O Processo de Criação da EBA.....	67
4.2 A Sessão Inaugural do Curso Preparatório da Escola de Belas Artes de Pelotas.....	70
4.3 A Eleição e Posse da Primeira Diretoria da Escola de Belas Artes de Pelotas.....	74
4.4 A EBA é declarada de Utilidade Pública/Convênios.....	76
4.5 A Questão do Prédio.....	78
4.6 Discursos Sobre Arte e Ensino da Arte nos Periódicos de Pelotas.....	85

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	94
ANEXOS.....	101

Introdução

Este trabalho de dissertação constitui-se em pesquisa histórica a respeito de uma instituição de ensino superior: o atual Instituto de Artes e Design (IAD) da Universidade Federal de Pelotas.

O foco da investigação é o surgimento e os primeiros 23 anos da Instituição, ou seja, do nascimento do “Curso Preparatório Para a Escola de Belas Artes de Pelotas”, no ano de 1949, que teve ainda, ao longo dos anos, as denominações “Escola de Belas Artes de Pelotas” e “Escola de Belas Artes Dona Carmem Trápaga Simões”, até a sua federalização, em 1972, passando a constituir o Instituto de Letras e Artes (ILA) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL).

Assim, o estudo está dentro do campo da história da educação superior, na área de artes plásticas, o local é a cidade de Pelotas (RS) e o recorte temporal é de 1949 até 1972.

Como toda a pesquisa acadêmica, esta almeja a produção e a socialização de conhecimento, neste caso sobre instituições educativas em Artes Plásticas (ou Belas Artes, ou Artes Visuais, de acordo com a época). Conhecer a história da Escola de Belas Artes contribuirá, também, para que conheçamos melhor a história da cidade de Pelotas.

Neste trabalho, como na pesquisa histórica de modo geral,

o historiador sabe que escolhe seus objetos no passado e os interroga a partir do presente. Ele não pretende se apagar na pesquisa, em nome da objetividade. Ao contrário, exatamente **para ser mais objetivo**, o historiador ‘aparece e confessa’ seus pressupostos e conceitos, seus problemas e hipóteses, seus documentos e suas técnicas e os modos como as utilizou e, sobretudo, a partir de que lugar social e institucional ele fala. (REIS, 1996, p.38) grifos nossos.

Com o propósito de esclarecer o meu lugar de pesquisadora, a seguir faço um breve apanhado da minha trajetória acadêmica e profissional, que revela o motivo do interesse em realizar este trabalho de pesquisa.

Sou graduada em Arquitetura e Urbanismo, em Pintura e em Escultura pela Universidade Federal de Pelotas. Meu interesse pela instituição que será o tema desta pesquisa é genuíno, vem da minha trajetória de vida, pessoal e profissional.

Como a maioria dos artistas plásticos, desde sempre gostei de desenhar, pintar e modelar. Em casa, brincando, fazendo, imitando, aprendia. Bem pequena, freqüentei a Escolinha Municipal de Arte da cidade de Pelotas, que funcionava na “Praça dos Macacos”¹. Tenho até hoje trabalhos feitos lá, e algumas lembranças.

Aos onze anos, ganhei de presente um curso de pintura na Escola de Belas Artes (EBA). Foi um acontecimento. Este curso era aos sábados à tarde, ministrado pelo famoso “Nesmaro”, pintor uruguaio que tinha vindo lecionar pintura na EBA² e implementou estas aulas, pagas, para incrementar sua renda. Não tenho conhecimento se seria este um curso de extensão da Escola ou simplesmente um curso particular do professor Nesmaro, utilizando uma sala da Escola. Provavelmente a segunda alternativa. Era freqüentado por pessoas de todas as idades e formações (lembro de dois irmãos que eram mais moços que eu e também de pessoas idosas). Nesmaro, como é sabido, ensinava na prática, corrigindo cada um dos trabalhos, e gostava muito de cantar. Cantava ópera enquanto ensinava.

O fato é que até hoje lembro da Escola de Belas Artes e da “mágica” que acontecia quando se transpunha suas portas. O edifício era antigo e nos lembrava a “nobreza” da cidade. Os quadros por todos os lados, desenhos e esboços colados em painéis ou nas paredes, as esculturas, o cheiro de tinta e solvente... (na época se trabalhava com tinta a óleo, a técnica da acrílica ainda não era muito difundida).

¹ Na época, Praça Julio de Castilhos; hoje, Praça D. Antonio Záttera.

² Nestor Marques Rodrigues veio para Pelotas substituir o professor Aldo Locatelli na cadeira de pintura da Escola de Belas Artes.

Freqüentemente, via a lendária figura de D. Judith Bacci³ trabalhando em suas esculturas. Parava para ver e aprender.

Assim foi o meu primeiro contato real com esta instituição de ensino, um mergulho no mundo das artes que marcou, que proporcionou profundo encantamento.

No parágrafo anterior refiro-me a *contato real* com a escola porque tenho ligações familiares – meio indiretas, mas ligações familiares – com Dona Marina de Moraes Pires, a fundadora do curso. Por este motivo, a Escola de Belas Artes figura no meu imaginário desde que “me tenho por gente”, pelas conversas que ouvia. O Francisco Carlos e a Luiza, meus primos-irmãos, são sobrinhos de D. Marina pelo lado Moraes; a Luiza é sua afilhada. Minha tia Hermínia, que entendia muito das coisas da lei e conhecia pessoas influentes ajudou D. Marina na época da luta pela federalização da escola. Isto tudo me dá uma sensação de proximidade, de familiaridade com o objeto desta investigação, a EBA.

E até hoje, tendo concluído três cursos superiores ligados à área das artes - Arquitetura, Pintura e Escultura - assim como realizado vários cursos de extensão - como discente e como docente -, mantenho contato com a Escola. A Arquitetura, meu primeiro curso, tinha algumas disciplinas locadas no prédio da EBA, e alguns professores em comum. Também, paralelamente com a Arquitetura, cursei Pintura; depois de formada nestes, Escultura.

Fui ainda presidente e, depois, tesoureira da Sociedade Amigos do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (SAMALG), que é ligado ao IAD (nasceu dentro dele),

³ D. Judith era funcionária da EBA, e aprendeu escultura vendo o professor Antonio Caringi ensinar os alunos. Trabalhou como escultora, e recebia encomendas de clientes de Pelotas e de outras localidades. Era reconhecida como profissional talentosa.

participando de três gestões desta entidade que apóia e participa das atividades culturais do museu⁴.

Exerço minhas atividades profissionais como artista plástica e como professora de arte, e estou sempre buscando entender melhor a arte, o seu ensino e a sua importância na vida das pessoas e da sociedade.

Em 1997 fundei uma escola de arte particular, onde ministro até hoje aulas de desenho, pintura e escultura – teoria e prática. Sei, portanto, das dificuldades para se implantar e, mais ainda, para se manter uma escola de arte sem auxílio externo, sem nenhum tipo de apoio ou verba proveniente do Estado. Isto faz com que eu possa avaliar muito bem, com a vivência adquirida, os esforços expendidos e as dificuldades por que passaram as pessoas que fundaram e mantiveram a Escola de Belas Artes como curso particular por vinte e três anos, até a sua federalização.

Posso, então, afirmar que tenho um interesse muito especial por esta instituição, que faz parte da minha história. Tenho intimidade com o tema de pesquisa, com as vantagens e desvantagens que este fato possa acarretar...

O primeiro passo em direção à constituição deste trabalho foi inteirar-me do que já havia sido escrito e pesquisado sobre a Escola de Belas Artes⁵ e o que existia em termos de fontes documentais.

Encontrei trabalhos nos quais aparece um histórico do IAD, mas sempre em seus dados gerais e para dar conta de outras questões que não analisar a instituição em si, ou seja, o foco desses trabalhos não é a história da instituição.

⁴ A Sociedade Amigos do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo apóia o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo, fundado em 7 de novembro de 1986 e pertencente à Universidade Federal de Pelotas, ligado ao Instituto de Artes e Design.

⁵ Trabalhos onde foram encontradas referências à história do IAD: Diniz(1996), Biasoli(1997), Jantzen(1990), Silva e Loreto(1996).

Jantzen (1990), arquiteto e professor, em sua dissertação de mestrado na UFRGS, realiza estudo sobre a Universidade Federal de Pelotas e suas tentativas de racionalização. Nas páginas 154 a 158 faz um apanhado histórico da EBA (assim como o faz para todos os cursos que compuseram a UFPEL na época de sua fundação), ressaltando as dificuldades que teve para tal devido a falta de fontes de pesquisa. Diz que no caso da EBA, as vinculações com estruturas e pessoas ligadas ao poder local não é evidente, ou pelo menos não é facilmente revelado pelos poucos documentos disponíveis.

Diniz (1996), professora de História da Arte do IAD, também em dissertação de mestrado para a UFRGS, estuda a tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas. Aborda a fundação da Escola de Belas Artes, afirmando que esta, quando foi inaugurada, refletiu claramente os anseios da sociedade pelotense.

Também em 1996, Úrsula Rosa da Silva e Mari Lúcie Loreto, professoras do IAD, editam pela EDUCAT obra intitulada “História da Arte em Pelotas – a pintura de 1870 a 1980”, tendo como objetivo “iniciar uma sistematização dos poucos registros que existem na cidade sobre o tema”, segundo suas palavras. O capítulo IV trata da Escola de Belas Artes, privilegiando os artistas (professores e/ou alunos) importantes dos primórdios da instituição.

Biasoli (1997), em dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – UFPEL, sobre a “prática pedagógica em arte e o compromisso do professor que forma professores”, dedica algumas páginas a apresentar um panorama sobre a Escola, desde a fundação da antiga EBA até esta passar a integrar o ILA-UFPEL.

Tive conhecimento de que os arquitetos e professores Gilberto Sarkis Yunes e Anaizi Cruz Espírito Santo começaram, juntamente com a funcionária do setor de documentação e arquivo Regina de Moura, a organizar o acervo documental da

Escola de Belas Artes que está nos arquivos do MALG, com o objetivo de compor um estudo histórico sobre a instituição, mas o projeto acabou não prosperando.

Portanto, creio que posso concluir que este é o primeiro estudo que dedicarse-á a realizar especificamente um estudo sobre a história da instituição Escola de Belas Artes de Pelotas, ou, segundo Magalhães (1996) , realizar uma “abordagem dos processos de formação e de evolução” desta instituição educativa. Assim, estava posto o tema do trabalho.

Tendo definido o tema da pesquisa, passei então à busca da matéria-prima para sua realização: as fontes.

Com relação às fontes documentais para a realização do trabalho, em um primeiro momento procurei a própria instituição, e as informações que tive, dadas por funcionários, me fizeram crer que estas fontes não existiam, teriam se perdido nas várias mudanças de prédio, pois não havia nada arquivado no IAD. De fato, por um período de tempo este material não estava disponível e realmente não estava em posse do Instituto.

Um tempo depois das primeiras tentativas, com muita satisfação, descobri que, sob a guarda e nas dependências do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo (MALG) havia rico material à espera de ser pesquisado⁶. Tratava-se do acervo da “antiga” Escola de Belas Artes, que estava sob a guarda do museu por conta das perdas já havidas e pelo fato de a direção do curso ter considerado que, no momento, o museu tinha mais condições de preservá-lo do que o ILA (Instituto de Letras e Artes, atual Instituto de Artes e Design).

⁶ Trabalhei muitas horas pesquisando este arquivo: há algumas fotografias, livros de atas -inclusive o primeiro-, relatórios, e, na íntegra, o processo de 123 páginas, do ano de 1964, que reivindica a inclusão da então Escola de Belas Artes Dona Carmen Trápaga Simões na UFPEL (sua federalização).

Ressalta-se que estes documentos ainda não foram utilizados para se realizar uma narrativa histórica acerca da instituição Escola de Belas Artes de Pelotas, e deve-se apontar que as condições de armazenamento e controle de utilização são muito precárias, por falta de pessoal e um mínimo de condições materiais. Estes fatores fazem com que este importante material, após tantos extravios que sabidamente houve nas várias mudanças de prédio, de sala, estragos causados por goteiras, inundações e ataques de insetos, siga correndo sérios riscos. No momento, inclusive, estamos fotocopiando o material que utilizaremos na pesquisa, pois não há segurança adequada nem garantia de que no momento em que necessite de algum documento ele vá estar ainda lá⁷.

Situação totalmente diferente é a do material pertencente à neta da fundadora da Escola, a médica Janice Pires. Janice é a primeira neta, companheira nas atividades culturais da avó desde menina e que tem muito bem conservado e organizado o acervo que herdou de D. Marina. Inclusive não foi fácil, pelo zelo com que é guardado, obter acesso a estes documentos. Tenho orgulho de ter merecido esta confiança, e isto aumenta a responsabilidade deste trabalho.

Jantzen (1990, p. 154), por exemplo, afirma em sua dissertação de mestrado cujo objeto é a UFPEL, a respeito da falta de fontes de pesquisa: “Se para o Conservatório de Música de Pelotas foi relativamente fácil fazer uma ‘história social’, o mesmo não aconteceu com a Escola de Belas Artes (EBA)”. E continua: “No caso da EBA, isso (vinculações com estruturas e pessoas ligadas ao poder local) não é nem um pouco evidente, ou pelo menos não é tão facilmente revelado pelos poucos documentos disponíveis” (JANTZEN, 1990, p. 155).

Considero, então, a minha posição bastante privilegiada em relação ao acesso às fontes para a realização da pesquisa. Certamente será possível avançar na construção de conhecimento a respeito do tema. Lembrando, porém, que, ao trabalhar com as fontes, o pesquisador deve estar ciente de que não é apenas ele

⁷ Magalhães (1996, p.5) faz referência à “importância dos acervos documentais, arquivísticos e museológicos das instituições educativas, para os quais se torna necessário uma ação coerente de preservação e organização, porque há de facto uma história da educação ameaçada”.

que está realizando a seleção de documentos para compor a história da instituição: sabe-se que uma seleção já foi feita, tanto por aqueles que os produziram quanto pelos que os conservaram ou deixaram de conservar, por aqueles que os organizaram em acervos e pelo próprio tempo.

Paralelamente à busca inicial pelos escritos de outros autores sobre a instituição e pelas fontes documentais, realizei entrevistas. Um dos motivos de ter efetuado estas entrevistas tão cedo, antes mesmo de ter uma preparação teórica mais consistente, foi que pessoas realmente muito importantes e muito significativas para a Instituição, que foram alunas das primeiras turmas e todas elas posteriormente professoras do curso, estão com idade muito avançada⁸, portanto achei interessante entrevistá-las logo, ainda com saúde e boa memória. Tive acesso a elas por relações forjadas à época em que fui aluna do curso e também por ligações pessoais, de amizade (foram entrevistadas Yeda Machado Luz, Maria Luiza Pereira Lima, Luciana Renck Reis e Therezinha Röhrig). A fundadora da Escola de Belas Artes, dona Marina de Moraes Pires, já é falecida, mas estou em contato com pessoas da família, como a sua neta Janice – que está gentilmente proporcionando acesso desta pesquisadora aos documentos da avó –, sua nora e colegas que participaram do processo de formação do curso superior de arte.

Portanto, como afirmei anteriormente, tenho familiaridade com o objeto de estudo e relativa abundância de fontes. As primeiras providências foram bastante frutíferas. Neste momento, cabe lembrar a afirmativa de Lopes e Galvão:

quanto mais o pesquisador for capaz de associar as informações que aparecem (e aparecem porque ele faz perguntas) nas diversas fontes com que trabalha com estudos já realizados sobre o tema, com teorias que estudou, com outros documentos que não necessariamente faziam parte do seu corpus documental original etc., mais condições tem ele de autenticar, com rigor, o conhecimento que construiu e aproximar-se da verdade – sempre incompleta – que busca. (LOPES E GALVÃO, 2005, p.44).

Não há dúvida de que a Escola de Belas Artes, atual Instituto de Artes e Design da UFPEL, objeto desta pesquisa, é uma instituição educacional de grande

⁸ As alunas da primeira turma da EBA têm todas mais de oitenta anos, algumas mais de noventa.

importância para a cidade de Pelotas, que é conhecida como possuidora de grande tradição cultural, com vocação para as coisas da cultura. Em breve, - 19 de março de 2009 -, esta Escola completará sessenta anos de existência, e tem uma rica história ainda por ser estudada. O conhecimento da sua trajetória histórica contribuirá, também, para que haja a valorização daquilo que lhe é peculiar e que lhe confere identidade.

A relevância do assunto, neste momento, está no fato de que esta instituição de ensino em nível superior de Artes Plásticas ainda não se conhece. Segundo Saviani (1997, p. 8), não “apropriou-se de sua historicidade”. E quem não se conhece não tem consciência de sua identidade, não sabe de que lugar está falando⁹. Sabendo de onde está falando, quem é, qual é o seu papel na comunidade, uma pessoa ou instituição tem condições de se posicionar melhor perante as questões que continuamente se colocam. Hoje acontece de a escola ser incompreendida pela sociedade e, às vezes, pelos seus próprios integrantes. Sua contribuição para a comunidade sofre questionamentos, pode-se detectar um certo isolamento, como em um grupo afastado do real. É importante ressaltar que atualmente proliferam na cidade outros cursos de arte, com bastante procura de vagas. Boa hora para (re)pensar o seu papel.

E, como já mencionamos, o momento atual também é oportuno para a realização de entrevistas, pois personalidades muito importantes, como por exemplo, alunas da primeira turma da Escola e antigas professoras, estão com idade avançada, mas ainda gozam de boa saúde e boa memória para acrescentarem à pesquisa preciosidades de suas experiências como integrantes dos primórdios da Instituição.

Pesquisar a história da instituição, o seu papel dentro da sociedade à época de seu nascimento e ao longo da sua caminhada dará subsídios para pensar melhor

⁹ Sobre identidade, Flávia Werle entende que “discutir a história das instituições escolares, é tratar de tecer narrativas que configuram identidade à instituição [...] A história da instituição pode ser um fator construtor da identidade da instituição, uma forma de representá-la objetivando um certo olhar sobre si mesma”. (WERLE, 2002, p. 23)

este papel na atualidade: estará ela cumprindo com seus objetivos, como integrante de Universidade e junto à comunidade?

O conhecimento produzido por esta pesquisa pretende constituir mais um instrumento para se ter condições de proceder com maior conhecimento de causa a análise e compreensão das questões que se impõem na atualidade.

Em tempo: o passado de uma instituição educativa não pertence apenas à instituição, mas à sociedade na qual ela se encontra.

Sendo assim, o principal objetivo deste trabalho é **investigar e analisar as condições que proporcionaram a criação de um curso em nível superior (profissionalizante) de Artes Plásticas na cidade de Pelotas no ano de 1949, como instituição de ensino particular, e sua trajetória até a incorporação pela UFPEL em 1972, passando então a ser uma instituição pública de ensino**, utilizando as fontes disponíveis no momento e abordando-as segundo referenciais teóricos específicos.

Paralelamente, pretende-se, através de uma melhor compreensão do seu nascimento e da sua história, buscar conhecimentos que permitam construir uma possível identidade da instituição e o entendimento de seus objetivos, contribuindo assim para uma melhor avaliação das questões que se colocam no presente.

Para atingir os objetivos propostos neste estudo, pretendo:

- analisar o contexto econômico, sócio-cultural e político da época e o seu papel no processo de criação do Curso e na sua manutenção;
- identificar as pessoas e instituições que atuaram na formação e manutenção do curso – sua posição dentro da sociedade da época, vinculação ao poder, relações de amizade e parentesco;

- empreender análise comparativa da EBA com a formação e desenvolvimento de outros cursos de arte, buscando assim suas singularidades;
- verificar o seu papel dentro da comunidade onde está inserido, a variação deste papel ao longo do tempo, e a contribuição do curso para o desenvolvimento cultural nas diferentes épocas;
- identificar/caracterizar aspectos do cotidiano escolar da Instituição através do delineamento das práticas sociais exercidas pelos corpos docente e discente.

A pesquisa revela que o surgimento da Escola de Belas Artes de Pelotas resultou de uma combinação de fatores que, em maior ou menor grau, naquele momento histórico, se somaram e proporcionaram condições para que se desse o advento da instituição de ensino de arte em estudo. Para apresentar o resultado desta investigação, o “corpo” do trabalho será dividido em quatro partes. A primeira parte apresenta as referências teórico-metodológicas que sustentam o estudo, resultado do investimento nos saberes da pesquisa histórica.

A segunda parte do trabalho funciona como uma contextualização, ou seja, versa sobre o local onde surge a instituição de ensino de arte em estudo, a cidade de Pelotas – enfatizando suas peculiaridades, e sobre instituições de ensino de arte - enquanto elementos constituintes de um sistema de ensino de arte.

Este capítulo foi elaborado de modo a que se conheça o lugar onde a instituição que é o tema deste trabalho surgiu e se desenvolveu. Para tanto, temos um pequeno histórico da cidade, conhecida como a “Atenas do Rio Grande”, enfatizando os aspectos sociais e culturais. Isto com o propósito de que se tenha uma idéia clara do contexto, que é um elemento fundamental para a compreensão do surgimento da Escola. Neste capítulo se fala também a respeito de instituições de ensino de arte, para que se possa localizar a instituição em estudo dentro do sistema de ensino de artes plásticas. Este capítulo “prepara o terreno” para que nele se implante a instituição que é o tema da investigação.

A terceira parte ocupa-se de uma figura humana que, durante a análise das fontes, surgiu com grande força: Dona Marina de Moraes Pires, a fundadora da Escola. Dona Marina teve um papel que se revelou bem maior que o esperado,

portanto, neste capítulo, são analisadas as suas atividades, que são reveladas pelos documentos escritos, pelas entrevistas realizadas com pessoas que acompanharam as suas atividades antes, durante e depois da fundação da Escola, por trechos do seu diário e pelas notícias veiculadas pelos jornais.

A quarta parte do trabalho, então, ocupa-se em focar a instituição em si: os antecedentes, a fundação e a trajetória da Escola de Belas Artes (EBA), até a sua incorporação pela Universidade Federal de Pelotas (federalização), quando passa a constituir o Instituto de Letras e Artes desta Universidade (ILA-UFPEL). Este capítulo traz elementos para serem abordados enquanto construtores de identidade, enquanto reveladores de relações de poder e enquanto representações de (elaboradas em) uma época.

1. Referências Teórico – Metodológicas

Devo lembrar, neste momento, que esta pesquisa foi empreendida por uma artista plástica e professora de arte. Embora dentro da minha área profissional sempre tenha tido especial interesse pelas mudanças, ao longo do tempo, ocorridas na arte e no ensino da arte (ou seja, pela História da Arte e pela história do ensino da arte), não sou uma historiadora. Pretendo compensar o fato de não ter formação específica na área de História com meu interesse pelo assunto da dissertação.

Inclusive, quando comecei a freqüentar as reuniões do CEIHE¹⁰, às vezes tinha a sensação de que estavam falando em um dialeto que eu não dominava. Não conhecia os pressupostos da área. Então, empenhei-me para adquirir competências no âmbito historiográfico (principalmente a teoria e metodologia da investigação histórica), tornando-me uma historiadora aprendiz.

Foi importante ter encontrado, em minhas leituras, inúmeros autores de trabalhos na área de História da Educação que não vinham de uma formação em História. E notar que isto proporciona, inclusive, riqueza na área¹¹. Jorge Nagle, por exemplo, autor do importante trabalho *Educação e Sociedade na Primeira República* (tese e livro), esclarece em sua palestra no IV Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil¹²”: “Antes de começar a tese, eram poucos os meus conhecimentos sobre História, sobre História do Brasil, sobre História da Educação Brasileira” (SAVIANI, 2000, p.116). Elomar Tambara, neste mesmo seminário, comenta sobre a inserção de “cristãos novos” na investigação histórico-educacional:

¹⁰ Centro de Estudos e Investigações em História da Educação que funciona junto à FaE/UFPEL.

¹¹ Acredito realmente que esta “interdisciplinaridade” pode arejar e enriquecer as reflexões em uma área. Noto isto na área das artes: freqüentemente, quando a reflexão sai do “gueto”, do grupo fechado, ganha.

¹² O Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” surge em 1986 com a preocupação de investigar a História da Educação pela mediação da Sociedade, buscando uma compreensão global da educação e seu desenvolvimento, e tem o seu primeiro seminário em 1991.

muitos provêm de outras áreas do conhecimento que não a história e a pedagogia. Neste sentido, não têm a formação de historiador nem a de pedagogo, o que, em certos casos, é salutar. Mas, de todo jeito, não têm o domínio de determinados procedimentos metodológicos específicos da História e da Pedagogia, o que acarreta uma História da Educação muito peculiar. Obviamente, esta problemática é vista com muito mais intensidade crítica sob o olhar do historiador. Penso diferentemente. Estes novos olhares estão contribuindo para a construção de um caráter híbrido da História da Educação que, acredito, vai caracterizando um novo status acadêmico a esta área. (TAMBARA, in SAVIANI, 2000, p.86)

Então, com a ajuda das disciplinas do curso de mestrado e o auxílio dos professores, com muito empenho e muita leitura, adquiri conhecimentos teóricos e metodológicos que me permitiram realizar este estudo na área¹³.

Desta forma, os “alicerces” sobre os quais foi construída esta investigação histórica são os estudos que arrola a seguir:

Na área da teoria e metodologia da História da Educação, os autores utilizados serão Le Goff (1995), Magalhães (1996, 2000), Reis (1998), Saviani (1998), Tambara (2000), Ragazzini (2001), Lopes e Galvão (2001), Amaral (2005), Pesavento (2004), Stephanou (2004), Cunha (2002).

Quanto a aspectos da educação brasileira, gaúcha e pelotense foram utilizados Peres (1995), Faria Filho (2000), Lopes (2000), Huch e Tambara (1995), Xavier (1994).

Em Osório (1962), Pesavento (1985), Arriada (1994), Anjos (1996) e Magalhães (1993,1999) foram encontrados subsídios sobre a história do período investigado nos âmbitos regional e local.

O conceito de Instituição de Ensino (ou Instituição Escolar) foi buscado em Werle (2002) e Magalhães (1996, 2000).

¹³ Como a linha de pesquisa é História da Educação, as disciplinas oferecidas proporcionam boa base de conhecimento nesta área.

Para tratar de identidade institucional, Werle (1999, 2001). Para o trabalho com história oral, os referenciais foram Delgado (2006), Thompson (2002), e Alberti (2005). Análise de periódicos: Nóvoa (1997), Bastos (2002)

A partir destes “alicerces”, empreendi a construção de meu estudo específico – para continuar com a analogia arquitetônica, meu “edifício” –: a história da Escola de Belas Artes de Pelotas, desde a sua fundação em 1949 até a sua federalização em 1972.

O recorte temporal tem seus motivos esclarecidos no título do trabalho, quais sejam: 1949 – a fundação, como escola particular, e 1972 – a federalização, passando a ser uma instituição pública de ensino.

O trabalho deu-se dentro da proposta teórica da História Cultural.

Neste empreendimento, as fontes são o “material de construção”. Já o estilo do “edifício”, ou seja, como ele se configura, não foi determinado pelas fontes, pois estas mesmas fontes podem dar origem a diversos tipos de “edificações”. Do olhar do “arquiteto”, do seu posicionamento perante o problema, das suas escolhas é que vai depender a forma que o “edifício” vai tomar.

Por fim, ao realizar esta narrativa histórica, o fiz com a consciência de que, como E. P. Thompson afirma, “a linguagem é instituinte e, portanto, a narrativa histórica não deveria desprezar esta sua dimensão construtiva” (THOMPSON, 1992, p. 124). E lembrando sempre que o passado, em sua totalidade, em sua multidimensionalidade, é inapreensível.

1.1 As Fontes

A matéria-prima para a construção da narrativa histórica são as fontes; sem fontes não há historiografia.

O material que está em minhas mãos para a realização deste trabalho é bastante rico, pois sua coleta iniciou há mais de dois anos. É muito importante, contudo, ter precauções ao lidar com estas fontes: não podemos ter a ingenuidade de acreditar na sua objetividade. O documento não pode ser tomado em si mesmo, mas sim, no processo de análise, deve ser criticado, relativizado.

Segundo Ragazzini (2001, p. 14), “A identificação, o uso e a interpretação das fontes são elementos constituintes do caráter e da qualidade da pesquisa, além de portarem a identidade e a autocompreensão da pesquisa histórica”. As fontes precisam da abordagem do historiador para que possam “falar”. Devemos saber como transformar estas fontes em historiografia, pois:

as fontes não falam *per se*. São vestígios, testemunhos que respondem - [...] - às perguntas que lhes são apresentadas. A fonte é uma construção do pesquisador, isto é, um reconhecimento que se constitui em uma denominação e em uma atribuição de sentido; é uma parte da operação historiográfica. [...] A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada.. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar conhecimentos acertados (*accertabilità*) sobre o passado. RAGAZZINI (2001, p. 14)

Ragazzini afirma ainda, quanto às fontes, que elas permitem encontrar materialmente e reconhecer culturalmente a intencionalidade inerente ao seu processo de produção. Diz também que para encontrar é necessário procurar e estar disponível ao encontro: “não basta olhar, é necessário ver”. E que “Para reconhecer é necessário atribuir significado, isto é, ler e indicar os signos e os vestígios como sinais”. Ragazzini (2001, p.14).

Para a realização desta dissertação de mestrado, as fontes utilizadas são de dois tipos: escritas e orais.

A decisão de utilizar dois tipos de fontes deveu-se ao fato de que as fontes documentais escritas existentes deixavam muitas lacunas, que poderiam ser preenchidas pelas entrevistas. Lucília Delgado afirma que História Oral e pesquisa documental caminham juntas e se auxiliam de forma mútua: “A relação história oral e pesquisa documental é bidirecional e complementar” (DELGADO, 2006, p. 25). No caso específico desta pesquisa, que se propõe a estudar a fase germinal e inicial de uma escola fundada em 1949, a possibilidade de as entrevistas esclarecerem as lacunas deixadas pelos documentos **ainda** é grande, pois estão vivas pessoas que estiveram presentes e participaram deste processo desde o seu início¹⁴.

Naturalmente, quando me propus a fazer esta pesquisa lamentei o fato de, por exemplo, a fundadora da escola já haver falecido há algum tempo e não poder contar com o seu depoimento. Mas pessoas que a acompanharam neste processo, por serem bem mais jovens que ela, puderam fazê-lo¹⁵.

A seguir, algumas palavras sobre as fontes escritas e as fontes orais que constituem o trabalho.

1.1.1 As Fontes Escritas

As fontes escritas que são utilizadas nesta pesquisa têm três origens principais: arquivo de instituição, periódicos da época e arquivo particular.

¹⁴ Este **ainda** é muito significativo. O ideal seria que estas entrevistas tivessem sido realizadas “ontem”.

¹⁵ Durante a pesquisa de campo, fiquei impressionada quando descobri que a pessoa que ‘movia céus e terras’, ia a Porto Alegre e ao Rio de Janeiro sem pestanejar para tratar de questões relativas à fundação do Curso era uma senhora com cinquenta anos e sete filhos. Uma curiosidade bem ilustrativa: Janice (neta de D. Marina) contou-me que certa ocasião, em Porto Alegre, ela esqueceu-se do aniversário do filho, em cuja casa estava hospedada, por estar tratando de questões relativas à Escola.

Le Goff lembra que todo o registro é fruto de um contexto e não é possível analisá-lo de forma isolada; está imerso em uma realidade que precisa ser compreendida, em determinadas *condições de produção*:

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1996, p. 545)

Quando me propus a realizar este trabalho de investigação histórica, a primeira providência que tomei (como já foi mencionado) foi procurar os arquivos da própria instituição, pois ela está em funcionamento – é o atual Instituto de Artes e Design da UFPEL. As informações que tive, após falar com vários funcionários em vários setores, foram de que não havia nada de material da “antiga” Escola de Belas Artes. Pareceu-me estranho, mas, em se tratando de uma instituição pública, com várias diferentes gestões e mudanças de prédios e de funcionários, não era impossível. Ficou a frustração. É difícil fazer um estudo a respeito da história de uma instituição se ela não preservou a sua memória.¹⁶

Porém, passado algum tempo, descobri, graças a minha ligação com o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo como integrante de sua Sociedade de Amigos (SAMALG), que em suas dependências, sob a sua guarda, encontrava-se o acervo documental da EBA, pertencente ao IAD. Este material encontrava-se em duas gavetas do arquivo do MALG¹⁷, sob os cuidados das funcionárias da seção de documentação e arquivo.

Este acervo pertencente ao IAD não é grande nem está bem organizado. Como se compõe de documentos de toda a fase da chamada *antiga* Escola de Belas Artes, período de tempo que compreende vinte e três anos, esperava que

¹⁶ Sobre o papel das instituições e seus gestores na preservação da história institucional, ver Werle, 2001.

¹⁷ No arquivo do MALG existe material para pesquisa sobre artistas e escolas artísticas e eventos de artes plásticas.

fosse bem maior. Há, porém, documentos muito importantes como, por exemplo, o primeiro livro de atas da Escola.

Pretendo utilizar este arquivo na minha pesquisa, e provavelmente ajudar na sua organização e catalogação dos documentos, porque no momento não se sabe o que ele contém. O acervo atual é o resultado de seleções feitas pela própria instituição, desde o seu início, pelo tempo e pelas perdas. Este material inclusive segue correndo sérios riscos, porque são emprestados documentos para pesquisadores fazerem fotocópia sem um controle à altura de sua importância, ou seja, não é um controle muito rigoroso. Também a sala onde se lida com estes documentos teria que ter fiscalização mais eficiente, pois infelizmente a possibilidade de furto existe. Certamente muito material já se perdeu de 1949 até hoje, por diversos motivos, e é muito importante que a instituição não perca mais tempo e dê o devido valor a este acervo, preservando-o.

Ressalta-se que a história das instituições escolares lida com documentos, no sentido de apresentar provas. São “elementos pré-textuais, considerados no processo de acreditação” .Werle (2002, p.3).

Há também, neste arquivo institucional, documentos institucionais *oficiais* que, sendo

...de natureza eminentemente descritivo-interpretativa que, por terem sido elaborados por uma autoridade instituída para tanto, adquirem um poder de construção da história institucional na dimensão de presentificação do passado ausente, com autoridade inquestionada e diferenciada, funcionando quase como a instituição em si, a verdade, a história que realmente foi, a expressão real da história daquela instituição escolar. Werle (2002, p.3)

O segundo tipo de fonte utilizada na pesquisa são os periódicos. Como afirma Maria Helena Câmara Bastos em trabalho que versa sobre a imprensa e a história da educação,

A análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível macro do sistema, mas também no plano micro da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciavam situações do presente. Trata-se, por isso, de um corpus essencial para a história da educação. (BASTOS, 2002, p. 153)

Fontes muito importantes para este trabalho são os jornais que circulavam à época na cidade. São jornais diários: o Diário Popular, A Opinião Pública e Jornal da Tarde. Eles permitirão, além da pesquisa sobre a instituição em si, conhecer melhor o contexto social, cultural, econômico e político que proporcionou o nascimento e desenvolvimento desta instituição. Os periódicos são também especialmente úteis para se conhecer as relações instituição-comunidade.

A utilização de jornais diários como fonte na pesquisa histórica é um procedimento complexo, que exige conhecimento do contexto, das condições histórico-sociais e políticas em que foram produzidos estes documentos para não correr o risco de fazer uma descrição ingênua, sem a consciência de todo um “não-dito” implícito. Sobre os cuidados necessários no trabalho com impressos, Bastos esclarece:

Cabe ao pesquisador fazer uma desmontagem do texto – da imprensa – a fim de desvelar os significados, as contradições e as diferenças de forma e de conteúdo das falas que produz. Esta desmontagem significa análise do processo e das condições de sua produção/construção, a partir dos discursos disponíveis. (BASTOS, 2002, p. 153)

Além do acervo da própria instituição e dos periódicos, há outro acervo ao qual tive acesso, e que no momento me parece o mais interessante: o acervo particular da família de D. Marina de Moraes Pires, fundadora da Escola. A neta de D. Marina, a médica Janice Pires Corrêa Franco, gentilmente permitiu a consulta a álbuns organizados pela própria avó, dois volumes de documentos que abarcam desde os antecedentes da fundação da escola até a sua federalização, exatamente o período que me propus a estudar. A Doutora Janice também forneceu a fonte que é, sem dúvida, a mais preciosa: trechos do diário pessoal de D. Marina nos quais ela relata os esforços, as movimentações, os êxitos e os fracassos na sua luta para dar

a Pelotas a sua Escola de Belas Artes. Foi um momento de emoção o contato com estes trechos de diário onde D. Marina, que não tive a oportunidade de conhecer pessoalmente, deixa registrados depoimentos, comentários tão expressivos sobre aquele momento.

Por fim, há também algum material em termos de documentos escritos e iconográficos que me foram passados pelas pessoas entrevistadas.

Aqui, abro um parêntese nas considerações sobre as fontes para esclarecer a questão das fotografias utilizadas na apresentação do trabalho: estas fotografias têm origens diversas, e serão utilizadas neste caso apenas como ilustração, e não como objeto de investigação. As fotos não estão colocadas com o propósito de serem analisadas.

Miriam Leite (2000, p.146), em seu texto sobre leitura da fotografia histórica lembra que, nos trabalhos de Ciências Humanas, é freqüente a utilização da fotografia como ilustração do texto, representando apenas “a vitrine, através da qual o leitor pode tomar um contato imediato e simplificado com o texto”. Então, neste caso, o conteúdo aparente da fotografia vai determinar a sua legenda, e as brechas do texto que a imagem possa preencher com informações ou representações não são verbalizadas.

1.1.2 As Fontes Orais

Quando me propus a realizar este trabalho de pesquisa, mesmo ainda sem maior embasamento teórico-metodológico, sabia que realizar entrevistas seria importante. As fontes documentais deixavam lacunas e realizar entrevistas seria uma forma de preenchê-las. Também seriam importantes para fazer cruzamento de dados. Além disso, outra questão que estava muito presente para mim era o fato de que pessoas muito importantes para a instituição, primeiros alunos e primeiros

professores poderiam fornecer seu testemunho, porém já estavam em idade avançada.

Por muito pouco perdi a oportunidade de entrevistar D. Heloisa Assumpção Nascimento, primeira professora de História da Arte da Escola de Belas Artes de Pelotas, que faleceu quando iniciava a pesquisa. O mesmo aconteceu com relação à artista plástica, formada na UFRGS e antiga professora, Anonina Zulema Paixão, com quem eu mantinha relações de amizade. Certamente o depoimento destas duas professoras deixaria o trabalho mais rico.

A fundadora da Escola faleceu há mais tempo, mas entrevistei Therezinha Röhrig, que, sendo bem mais jovem, acompanhou D. Marina em várias ocasiões na época da fundação. Já realizei também duas entrevistas com D. Yeda Machado Luz, aluna da primeira turma e depois professora do curso, e Maria Luiza Pereira Lima Caruccio, também aluna – da segunda turma - e depois professora. Também entrevistei mais de uma vez. Luciana Renck Reis, aluna e professora da EBA e fundadora do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

As entrevistas foram abertas, não havia um questionário a ser respondido, mas sim uma orientação no sentido de falarem sobre suas vivências como alunas e professoras do curso para que se pudesse trazer informações que ajudassem a compor este quebra-cabeças que é a reconstituição histórica de uma instituição sendo realizada quase sessenta anos depois de sua fundação. Qualquer pedacinho deste quebra-cabeças é muito importante e faz com que se possa ver melhor esta “obra” que é a sua história. Com este espírito, as entrevistadas colaboraram com entusiasmo. Inclusive houve um episódio interessante: Maria Luiza Caruccio quis ir comigo na primeira vez que fui à casa da D. Yeda Luz. Ficaram muito felizes por se encontrarem – não se viam há muitos anos – e, sem planejar, realizei uma entrevista a três. Foi interessante, e uma ajudava a outra a lembrar dos fatos. Todas as entrevistadas também colaboraram relacionando os fatos relativos à EBA com o contexto da época na cidade de Pelotas, que elas conheciam bem. A este respeito, Delgado (2006) diz que a história oral é um processo de recordação realizado por

um sujeito individual, mas socialmente integrado. “Dessa forma, os relatos e os testemunhos contêm em si um amálgama maior, o da inserção em uma comunidade específica” Delgado (2006, p.27).

A entrevista individual com Maria Luiza Caruccio não foi gravada; foram realizadas anotações no momento¹⁸. As outras entrevistas foram gravadas¹⁹ e posteriormente transcritas. O material escrito resultante das entrevistas está arquivado e parte dele foi utilizada neste trabalho. O que não dizia respeito especificamente ao tema da pesquisa poderá ser utilizado posteriormente.

A História Oral, segundo Thompson (2002) e Delgado (2006) é um procedimento metodológico que registra uma narrativa. Cabe ao pesquisador atuar de maneira a garantir a cientificidade desta opção metodológica. A narrativa registrada a partir de fonte oral está alicerçada na memória. De acordo com Delgado:

a história oral é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais. (DELGADO, 2006, p. 15)

Thompson (1992), ao abordar o uso de fontes orais pelo historiador (história oral como instrumento de pesquisa e como fonte documental), começa dizendo que “na verdade, seria aconselhável começar pelo trabalho de campo. A experiência prática da história oral conduzirá, por si só, às questões mais profundas a respeito da natureza da história” Thompson (1992, p.9). O autor esclarece, também, que a utilização de entrevistas como fonte por historiadores profissionais vem de muito longe e é perfeitamente compatível com os padrões acadêmicos.

1.2 O Trabalho com as Fontes: a construção da narrativa

¹⁸ Esta foi a vontade da entrevistada.

¹⁹ As datas de realização das entrevistas são: Maria Luiza Pereira Lima Caruccio: 02 de junho de 2006; Maria Luiza Caruccio e Yeda Machado Luz: 04 de junho de 2007; Yeda Machado Luz: 22 de junho de 2007 e 03 de março de 2008; Luciana Renck Reis, 15 de junho de 2007 e 29 de outubro de 2007; Therezinha Röhrig: 4 de agosto de 2007. A transcrição e a digitação destas entrevistas foi realizada na primeira semana de junho de 2008.

Conforme já foi dito, as fontes para a construção da narrativa constituem uma quantidade bastante grande de material. Ao ver as pilhas de documentos, a sensação é de satisfação, por um lado, pois foi um trabalho árduo concluído com bastante êxito, e de preocupação por outro lado, pois ficam os questionamentos: Como aproveitar o melhor possível este material para construir a narrativa histórica? Como não desperdiçar as informações obtidas, e como com isto não tornar o trabalho pesado, maçante? O que usar, o que descartar, para responder às questões que norteiam o trabalho? Como é que eu vou contar esta história?

O peso da responsabilidade é bastante aliviado quando se tem a consciência de que não se vai narrar a história da instituição, mas sim uma história da instituição, realizada em um determinado momento por um olhar específico. Werle esclarece este ponto:

assim, a História das Instituições Escolares é uma tentativa de enunciar, de elaborar um discurso, uma interpretação à qual se daria um estatuto privilegiado, vinculado, o mais possível, a diferentes momentos ou fases da instituição e a seu contexto. Pode-se talvez imaginar que a intenção seja de alcançar a instituição em si, como se houvesse uma essência institucional a ser descrita. Isso, entretanto, é um equívoco. A história das instituições escolares se apresenta na forma como a organizamos, como “objetos fenomenais”, isto é, objetos como são vistos pelo sujeito que os descreve (Fourez, 1995, p.56), com suas interpretações, e em decorrência das suas possibilidades de construção como pesquisador. (WERLE, 2002, p.2)

Hoje, o historiador sabe que é impossível apreender a história em sua totalidade; ele vai fazer a sua parte, com as suas possibilidades, e dar a sua versão, o seu olhar.

Então, após a pesquisa em arquivos institucionais e particulares, em jornais e a realização de entrevistas (ou seja, a obtenção das fontes disponíveis, o material empírico), partiremos para sua análise, que será realizada segundo referenciais teóricos. Estes referenciais são oriundos da História Cultural (ou Nova História

Cultural²⁰) e os conceitos principais, os de representação, relações de poder e identidade.

Sandra Pesavento (2005, p. 15), reflete em sua obra sobre esta nova maneira de fazer história, afirmando que “Se a História Cultural é chamada de Nova História Cultural, [...], é porque está dando a ver uma nova forma de a História trabalhar a cultura”. Trata-se de pensar a cultura como “um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”. Para a autora,

A cultura é uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto, já com um significado e uma apreciação valorativa. (PESAVENTO, 2005, p. 15)

Para se empreender a narrativa histórica de uma instituição educacional há que se considerar, segundo Werle (2002, p. 5) que uma instituição é transpassada e constituída por *relações de poder*, vinculadas à figura de uma pessoa principal inaugural que nos primórdios da instalação da instituição contribuiu para criá-la, e a seus “herdeiros” que interpretam o ideário, aspirações e necessidades institucionais em diferentes momentos temporais:

fazer história institucional exige revisitar o projeto primitivo, a posição do fundador, aquele que lhe deu paternidade, retomar as formas de organização jurídica e material. A abordagem da dimensão institucional poderá evidenciar o conflito entre o instituído e os processos de institucionalização, os momentos, fases ou períodos em que a instituição tendeu a tornar-se um artefato, com funcionamento independente, destacando-se das propostas fundadoras. O jogo entre o instituído e o instituinte, a totalidade em organização, os processos de estruturação e não apenas o estruturado, esses, os desafios a enfrentar no empenho de compor narrativas referentes à história das instituições escolares. (WERLE, 2002, p.5)

²⁰“Por vezes, se utiliza a expressão Nova História Cultural, a lembrar que antes teria havido uma velha, antiga ou tradicional História Cultural. Foram deixadas de lado concepções de viés marxista, que entendiam a cultura como integrante da superestrutura, como mero reflexo da infraestrutura, ou mesmo da cultura como manifestação superior do espírito humano e, portanto, como domínio das elites. Também foram deixadas para trás concepções que opunham a cultura erudita à cultura popular, esta ingenuamente concebida como reduto do autêntico. Longe vão também as assertivas herdeiras de uma concepção da *belle époque*, que entendia a literatura – e, por extensão, a cultura – como o *sorriso da sociedade*, como produção para o deleite e a pura fruição do espírito.” (PESAVENTO, 2005, p. 14)

Werle (2002, p. 2) também destaca um conceito muito importante, que é o da narrativa histórica como *representação*: “a história das instituições escolares não é um relato ou recitação de acontecimentos, mas uma narrativa com interpretações, releituras que se apresenta na dimensão de representação, de uma versão da história institucional”. A idéia de representação é a de substituição. Representar é estar no lugar de, é um apresentar de novo.

Neste trabalho será abordada a questão da identidade. Novamente a contribuição de Werle (2002, p. 12), que diz que empreender uma narrativa acerca da história de uma instituição de ensino pode, certamente, “ser um fator construtor da *identidade* da instituição, uma forma de representá-la objetivando um certo olhar sobre si mesma”. Justino Magalhães (1996, p.1) ressalta a importância de uma “abordagem que permita a construção de um processo histórico que confira uma identidade às instituições educativas”.

E, para realizar este trabalho de abordagem histórica sobre a Escola de Belas Artes enquanto instituição de ensino de nível superior em artes plásticas, é necessário definir o que é uma instituição educativa. Segundo Flávia Werle, instituições são unidades escolares espacialmente localizáveis com componentes identificáveis na memória coletiva, tais como as aspirações coletivas fundadoras e que, embora possa ter passado por reestruturações, por várias mantenedoras ou formas político-administrativas mantém um conjunto de elementos identificáveis referentes à base material e à base de gestão.

Já Sanfelice (2002) observa que as instituições escolares sempre foram portadoras de identidade dentro de um contexto social, com projetos pedagógicos reveladores e projetos educativos destinados a públicos específicos.

Para Magalhães (2000, p.23) as instituições são a condição, o meio e o fim da educação. São espaços em que o ensino é oferecido. Desenvolvem-se

estabelecendo linhas de ação em conformidade com os objetivos e com os públicos a que se destinam. Magalhães acrescenta:

Compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa é, sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região. É, por fim, sistematizar e (re)escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo-lhe um sentido histórico. (MAGALHÃES, 1996, p.2)

E o que é uma instituição educativa abordada a partir de um referencial historiográfico? Segundo Justino Magalhães,

No plano histórico, uma instituição educativa é uma complexidade espaço-temporal, pedagógica, organizacional, onde se relacionam elementos materiais e humanos, mediante papéis e representações diferenciados, entretecendo e projectando futuro(s), (pessoais), através de expectativas institucionais. É um lugar de permanentes tensões. As instituições educativas são projectos arquitectados e desenvolvidos a partir de quadros sócio-culturais. (MAGALHÃES apud SOUSA, 1998, p.61)

Lembramos, então, que a interpretação das fontes, as teorias e metodologias adotadas para a compreensão do passado são momentos fundamentais no trabalho historiográfico. Passaremos a seguir à construção da narrativa histórica propriamente dita, com a organização, sistematização e exposição das informações obtidas sobre o tema proposto.

2. A Cidade de Pelotas e as Instituições de Ensino de Arte

Pelotas, a “Atenas do Rio Grande”

Para que possamos abordar o tema de pesquisa, é imprescindível conhecer a história da cidade que abriga a instituição pesquisada – para assim identificar suas peculiaridades, o que a caracteriza e a diferencia das outras cidades do estado e do país. Pois nenhuma instituição nasce do nada. E há que ter terreno fértil para que a semente brote e cresça, para que tenha viço. Acreditamos que a cidade determina o que nela vai florescer e o que não vai.

Pelotas, dentro do Rio Grande do Sul e mesmo fora dele, é conhecida como uma cidade com grande tradição cultural e que tem um gosto, um pendor especial pelas coisas da cultura.

Os pelotenses têm grande orgulho de lembrar que, em certa época, as companhias estrangeiras de teatro, por exemplo, que vinham se apresentar no Brasil tinham duas possibilidades: ou chegavam diretamente a Pelotas ou passavam pela capital do país, e vinham, após, para Pelotas. Depois de passarem por Pelotas às vezes seguiam seu rumo para o estrangeiro, apresentando-se em Montevideu e/ou Buenos Aires. O fato de “pularem” Porto Alegre consistia motivo de júbilo. Pelotas era mais “cultural”, era mesmo a “Atenas do Rio Grande”.

Esta fama vem de seu passado, de um período em que houve, realmente, riqueza ímpar em bens materiais e em bens culturais: o ciclo do charque. Magalhães nos esclarece este ponto em seu trabalho que versa sobre o que seria, em seu entender, o período áureo de opulência e cultura desta cidade:

a historiografia sul-riograndense [...] reconhece que, sobretudo no transcorrer do século XIX e nos primeiros 20 anos do século XX, elaboram-se em Pelotas **características sociais peculiares**, relacionadas à

prosperidade e cultura, dentro do complexo gaúcho. (MAGALHÃES, 1993, p. 53) grifos nossos

Pelotas estava, nesta época, identificada de modo especial com a cultura e as artes, em consequência do seu singular desenvolvimento econômico e urbano. Diferentemente da maioria das cidades gaúchas, Pelotas formou cedo uma sociedade urbana, em que as artes, as letras e as ciências eram cultivadas e valorizadas.

Magalhães (1993), em seu estudo, confirma que Pelotas teve um desenvolvimento diferente das outras cidades do estado, quando diz que, para além da “faca assassina” e do mugido dos bois, havia aqui mais civilização e mais gosto pela vida social do que nas outras regiões do estado. Os estrangeiros que aqui chegavam ficavam maravilhados com a civilização que encontravam na pequena cidade, que ficou conhecida, por volta de 1860, como a “Princesa do Sul”.

Este período de opulência, embora tenha terminado nas primeiras décadas do século XX, forja um tipo de sociedade em que as classes dominantes estabelecem valores que permanecem vivos até os dias de hoje, como por exemplo o valor dado à sociabilidade e à cultura.

E é nesta cidade que, em 1949, vai surgir a Escola de Belas Artes de Pelotas. Porque em 1949, não antes, não depois? Isto a pesquisa em curso se propõe a responder.

Pelotas e o Ensino das Artes Plásticas

Na segunda metade do século XIX Pelotas vivia uma fase de pujança econômica, pois estava no apogeu a indústria do charque. Nesta época forjou-se

aqui uma sociedade que, além de possuir riqueza econômica, desenvolveu uma riqueza cultural significativa. A cultura e a educação eram bens muito valorizados.

No entanto, no século XIX, na área das Artes Plásticas as atividades eram encaradas de maneira muito pouco profissional. Segundo Magalhães (1993) “professores de primeiras letras, ou professores de música e desenho, ofereciam seus serviços solicitando a ‘proteção’ do público – isto porque a remuneração era encarada como um favor, um ato de generosidade”.

Há dois artistas que se destacam nesta época, ambos estrangeiros: Frederico Trebbi, italiano, e Guilherme Litran, espanhol. Vieram para Pelotas retratar figuras importantes da rica sociedade da época, e aqui ficaram e constituíram família. Dedicaram-se a pintar, comercializar suas obras, e também a ensinar desenho, pintura e escultura em aulas particulares. Trouxeram assim sua contribuição para a cultura local, influenciando o gosto e formando inúmeros discípulos. Leopoldo Gotuzzo, grande nome da arte pelotense, foi aluno de Trebbi, assim como D. Marina de Moraes Pires, futura fundadora da Escola de Belas Artes de Pelotas.

Alunas de Trebbi expuseram na Exposição Brasileiro-Alemã de 1881: D. Maria Francisca Costa, a “Sinhá Costinha”, e D. Honorina Costa. (DIÁRIO POPULAR, 1995)

Segundo Magalhães (1993), alunos de Trebbi e de Litran também exibiram seus trabalhos na importante Exposição de Belas-Artes de 1885, realizada nos salões da Bibliotheca Pública Pelotense. Dentre os alunos de Trebbi, além da já citada “Sinhá Costinha”, estavam D. Ambrosina Campello, D. Cecília Azevedo e Sr. Faria Rosa. De Litran, citamos D. Corina e Pepita Maurell, Bento Azambuja e Lourenço Bordagorry, Joaquim Fernandes da Cunha Júnior e Pedro Torres Crehuet.

Importante acontecimento na área do ensino das artes plásticas na cidade se deu em 1927, quando o Conservatório de Música de Pelotas, fundado em 1918, passa a ser o Instituto de Belas Artes, para atender a demanda por aulas de desenho e pintura. A instituição teve seus estatutos baseados nos do Instituto de Belas Artes de Porto Alegre, e a orientação era dentro dos estilos neoclássico, acadêmico e eclético, consagrados pela Escola Nacional de Belas Artes. O ensino de desenho e pintura ficou a cargo do pintor portoalegrense João Fahrion de 1927 a 1930. Quando este deixou de lecionar em Pelotas, foi substituído por Adail Bento Costa²¹.

O Instituto de Belas Artes de Pelotas, desde a sua fundação, convive com grandes dificuldades financeiras. Em 1937 é municipalizado, voltando a chamar-se Conservatório de Música. Foram encerrados os cursos de desenho e pintura. A tentativa de dotar Pelotas de um curso regular de artes visuais é frustrada; a cidade só alcançará este objetivo no ano de 1949, com a fundação do seu curso profissionalizante em artes plásticas, que existe até hoje, a Escola de Belas Artes de Pelotas.

Com a tradição que tinha Pelotas na área cultural, pelo valor que sua sociedade dava às artes, não seria de se estranhar que a cidade possuísse uma instituição de ensino na área de artes plásticas. Porto Alegre tinha sua instituição de ensino superior em arte desde 1908; o Rio de Janeiro, sua Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios desde 1816. Pelotas, se considerarmos o nível de seu desenvolvimento econômico e social desde o final do século XVIII, até tardou em possuir uma instituição de ensino de nível superior na área das artes visuais. O próprio Conservatório de Música de Pelotas foi fundado em 1918, trinta e um anos antes da EBA.

Jantzen (1990) relaciona o surgimento da EBA com o período populista, como afirma no momento em que diz que “é no período populista, então, que o público pelotense atinge o ponto de maturação para justificar a existência de uma

²¹ Adail Bento Costa foi ...

escola de artes visuais.” (JANTZEN, 1990, p.158). Neste trabalho será considerada esta afirmação - a influência do “ponto de maturação” do público - ao se refletir sobre o momento em que emergiu a Instituição em estudo.

A Sociedade Pelotense e a UFPel

Jantzen (1990) diz, em seu estudo sobre a Universidade Federal de Pelotas, que o enraizamento da UFPEL na sociedade pelotense possui ramificações que nos levariam à República Velha. Lembra também que é comum encontrarmos na literatura histórica referências à incapacidade dos capitalistas nacionais deste período de transferirem seu capital produtivo para as gerações seguintes, por uma questão de um tipo de mentalidade que não conduziria os jovens aos negócios, à poupança e ao investimento em setores produtivos.

Além disso, no início da República Populista se observa em Pelotas o desmonte das estruturas públicas e privadas da República Velha. Os municípios e os estados perdem em autonomia e capacidade financeira, enquanto a União se fortalece. Há estatização de serviços que prestam serviços à comunidade, como saúde, educação, transportes, comunicações, etc.

Assim, a federalização de instituições, entre elas as educacionais, normalmente significava a solução para seus problemas financeiros.

A UFPEL foi criada pelo decreto-lei nº 750, em agosto de 1969 e era constituída pelas seguintes unidades (muitas delas já com sua história própria, bem anterior a esta federalização)²²;

- Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel

²² O processo de federalização foi responsável pelo aumento da oferta de ensino superior gratuito no Brasil, assim como pela criação da maior parte das universidades federais hoje existentes. A reforma do ensino empreendida em 1968 nos marcos das leis 5.540 e 5.539 propiciaram as condições institucionais para a efetiva criação da instituição universitária no Brasil, onde, até então, existiam somente faculdades isoladas.

- Faculdade de Ciências Domésticas
- Faculdade de Direito
- Faculdade de Odontologia
- Faculdade de Veterinária
- Instituto de sociologia e Política

E passavam a ser instituições particulares agregadas à UFPEL, o Conservatório de Música de Pelotas, a Escola de Belas Artes “Dona Carmem Trápaga Simões” e a Faculdade de Medicina da Instituição Pró-Ensino Superior do Sul do Estado. Como exemplo, o Conservatório de Música é agregado à UFPEL em 1969. Alivia-se o município de um compromisso, repassando-o para a União. Temos que lembrar que, segundo Jantzen (1990), ao ser criada, a UFPEL tinha um orçamento duas vezes e meia maior que o da cidade de Pelotas²³.

As instituições de ensino de arte

Trazemos aqui um pequeno histórico das instituições de ensino de arte, pois elas compõem um *sistema de ensino* de arte, no qual a instituição estudada vai se inserir. No nosso caso, para finalidade de comparação, consideramos que as instituições mais importantes são o atual Instituto de Artes da UFRGS, primeira instituição de ensino de arte do estado do Rio Grande do Sul, e a Escola de Belas Artes da UFRJ, primeira do país.

Lembramos que no tempo do Brasil colonial, havia apenas o ensino elementar, sempre de ordem prática, e os conhecimentos de desenho arquitetônico e de engenharia necessários à atividade militar. Até o início do século XIX, o ensino de arte acontecia de modo informal, com os discípulos aprendendo nos ateliês dos artistas.

²³ De acordo com Faria Filho (2000), não desconsiderando as danosas conseqüências que a ditadura militar (1964-1982) teve na vida acadêmica, foi neste período que o processo – tardio – de formação da universidade brasileira recebeu o maior impulso.

Por carta régia de 20/11/1800 foi estabelecida no Rio de Janeiro a “**Aula Pública de Desenho e Figura**”, sendo esta a primeira medida concreta para o ensino e a difusão da arte através de seu ensino sistemático.

A transferência da corte portuguesa para o Brasil em 1808 gera profundas modificações sociais e institucionais. Sentiu-se a necessidade de atualizar o Brasil com relação às correntes culturais que se desenvolviam na Europa.

Então, o decreto de 12/08/1816 criando a **Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios** implantou no Brasil a Educação Artística em caráter oficial. O sistema de ensino era o academicismo²⁴, e a escola era inspirada no modelo da respeitada Academia francesa²⁵. Em 05/11/1826 houve uma reestruturação e configurou-se a instalação definitiva da **Academia Imperial das Belas Artes** – como ficou conhecida a Escola Real – instituindo-se um sistema de ensino artístico que iria moldar de forma singular o desenvolvimento da arte brasileira.

A partir de 08/11/1890, a antiga Academia Imperial foi transformada na **Escola Nacional de Belas Artes**. Em 1931, a Escola passou a integrar a Universidade do Rio de Janeiro e, em 1937, a Universidade do Brasil. Em 1965, passou a se chamar **Escola de Belas Artes**, incorporando-se à Universidade Federal do Rio de Janeiro, constituindo-se através dos anos num verdadeiro organismo cultural, centro universitário e inovador que dedica-se a renovar a cultura artística e desenvolver, de forma integral e harmoniosa, a capacidade e a criatividade de seus alunos.

No Rio Grande do Sul, o ensino institucional da arte começou com o **Instituto Livre de Belas Artes do Rio Grande do Sul**, em 22 de abril de 1908. “A iniciativa

²⁴ O academismo é posto aqui não como uma corrente estilística, mas como um sistema de ensino artístico (denominação de um conjunto de preceitos técnico-formais e ideológicos, amparados em metodologia de ensino profissionalizante), que prevaleceu do início do séc XIX até o início do séc. XX. Baseava-se nos princípios das academias de arte européias. No Brasil este sistema foi introduzido no período de vigência do Neoclassicismo, depois absorveu estéticas românticas, realistas, simbolistas e outras.

²⁵ Na própria metrópole, Portugal, não havia semelhante iniciativa.

foi do presidente do estado e teve o apoio de 65 comissões regionais” (SIMON, 2003). Em 1909 foi criado seu Conservatório de Música que, segundo os seus estatutos, tinha os cursos básico, fundamental e superior de Teoria da Música, Composição e Música Vocal e Instrumental. O Instituto Livre de Belas Artes, em fevereiro de 1910, cria a Escola de Artes, com os cursos de Pintura, Escultura, Arquitetura e as artes de aplicação industrial.

Em 1934, é formada a **Universidade de Porto Alegre (UPA)**; O Instituto foi um dos seis cursos superiores que a formaram²⁶. Em 1936, o Conservatório e a Escola constituíram os cursos de Música e de Artes Plásticas.

Em 1939, o Instituto foi desanexado da UPA - segundo SIMON, (2002), expulso pelo Estado Novo -, que alegava duas coisas: falta de reconhecimento federal e de instalações adequadas. A comissão central entregou o comando e os bens do Instituto à Congregação dos Docentes de Artes.

Em 1941, obtêm o reconhecimento federal os **cursos superiores de Música e Artes Plásticas**, requeridos pelos docentes que administravam a instituição. Para a construção de seu novo edifício, o Instituto lançou campanha nacional. Então consegue congrega 2.000 pessoas (legionários do IBA – RS), em plena época de guerra e da enchente de 1941. O valor arrecadado foi insuficiente, mas quatro docentes hipotecaram os seus bens para garantir um empréstimo para compra da nova sede, que foi inaugurada em 1943. Em 1944, foi criado o curso de Arquitetura, o primeiro do Estado. Este curso foi autorizado a funcionar em 1945. Em 1947, começa a funcionar o Curso de Urbanismo, o primeiro do Brasil. Em 1951, ambos foram reconhecidos. Em 1952, com a federalização da Universidade, estes cursos constituíram a Faculdade de Arquitetura, ativa até hoje. Em 1957 foi criado o Curso

²⁶ Segundo Círio Simon, em seu discurso de posse no cargo de Diretor do Instituto de Artes da UFRGS em 12 de novembro de 2002, “A coragem da Universidade de Porto Alegre de incluir o Instituto de Artes no seu seio, possui um pioneirismo quase mundial de uma instituição de arte a se integrar numa universidade, pois essas instituições superiores de Arte viviam, antes dessa data, em academias separadas e isoladas”.

de Arte Dramática, que era vinculado à Faculdade de Filosofia. Posteriormente, este curso foi transformado em Centro de Arte Dramática.

Em 1962, no mês de novembro, o **Instituto de Belas Artes**, por decreto, foi reincorporado à **Universidade Federal do Rio Grande do Sul**. Neste período o quadro docente foi ampliado e os serviços administrativos, reorganizados. Em 1968, a UFRGS é reestruturada e o Instituto de Artes passa a ter três Departamentos, constituído nas três grandes áreas das artes: Artes Cênicas, Artes Visuais e Música. Na década de 1980, iniciam os programas de pós-graduação de mestrado e de doutorado em música. Na década de 1990, começam os programas de pós graduação de mestrado e de doutorado em artes visuais. Em 2006, é aprovado o Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas.

3. D. Marina de Moraes Pires

Ao iniciar este trabalho de pesquisa, meu propósito era obter conhecimento a respeito da criação e primeiros anos do atual Instituto de Artes e Design, Instituição na qual cursei duas graduações, em pintura e em escultura.

Encontrei vários trabalhos onde, embora para dar conta de outras questões de pesquisa, eram abordados os primórdios da instituição. Em todos eles constava que a fundadora da Escola de Belas Artes era D. Marina de Moraes Pires. Isto confirmava o que já sabia pelo fato de ser pelotense e de ter ligações antigas com a Escola. Sabia que D. Marina era a fundadora.

Quando, finalmente, se constituiu como tema de minha dissertação de mestrado a abordagem histórica dos primórdios desta instituição, passei à etapa da coleta do material empírico que serviria de base de dados para o trabalho. Na busca das fontes e procedendo sua abordagem inicial, percebi que para mim, assim como para todas as pessoas que conheço que transitam pela área, “D. Marina de Moraes Pires” era somente um nome. Sim, foi D. Marina de Moraes Pires quem fundou a instituição. Mas quem foi a D. Marina? Quem foi esta pessoa, esta mulher? Que lugar social/cultural ocupava? Embora, como já esclareci na introdução deste trabalho, tenhamos até parentes em comum, eu absolutamente não sabia. E, ao perguntar para conhecidos da área das artes, concluí que atualmente as pessoas não sabem.

Percebi, neste momento, que não só não conhecemos a nossa história como (talvez por isto) não valorizamos e esquecemos as pessoas que fizeram esta história.

A Escola de Belas Artes de Pelotas não “caiu do céu”, não foi implementada por iniciativa dos governos dentro de um projeto civilizatório, como aconteceu no

caso da EBA do Rio de Janeiro e do Instituto de Artes da UFRGS, em Porto Alegre. Tampouco começou com facilidade por ter surgido em uma cidade que tem como característica principal a valorização da cultura. O nascimento da EBA se deu como resultado de grandes esforços e de superação de obstáculos de várias ordens, por um grupo de pessoas.

Através dos dados colhidos neste trabalho pode-se inferir que D. Marina de Moraes Pires foi aquele tipo de pessoa que “faz a diferença”.

A “Atenas do Rio Grande”, a “Princesa do Sul”, teve que esperar pela iniciativa e pelo empenho de D. Marina para finalmente ter a sua Escola de Belas Artes.

A atuação desta personalidade múltipla acontece durante todo o período pesquisado: nos documentos escritos, oficiais ou não, nos depoimentos das entrevistadas, nas notícias dos periódicos, aparece a importância e o grau de participação de D. Marina nos primórdios da instituição.



Figura 1 - Retrato em óleo sobre tela de D. Marina de Moraes Pires. Esta obra é de autoria de Aldo Locatelli, artista italiano que foi o primeiro professor de pintura da Escola de Belas Artes. O quadro pertence ao acervo do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo.

3.1 Os Documentos Escritos

A análise dos documentos escritos que se encontram nos arquivos sob a guarda do Malg e de propriedade de Dra. Janice Pires Corrêa Franco comprova: desde o primeiro documento (ANEXO 1) relacionado ao longo processo de tentativas de implementação do curso por meio dos governos, com data de 1946, a fundamental atuação de D. Marina. Trata-se de ofício da Prefeitura de Pelotas (julho de 1946) assinado pelo prefeito Procópio Duval Gomes de Freitas que apresenta a portadora, D. Marina de Moraes Pires, ao Ministro da Educação, Doutor Ernesto de Souza Campos. Professora de Desenho da Escola Assis Brasil “que vai à presença de V. Excia. empenhar-se para criação de uma Escola de Belas Artes em Pelotas”. Este foi o primeiro passo dado em direção à concretização da Instituição de Ensino.

E seu nome continua, presente, onipresente, em todos os momentos, dos mais importantes aos mais triviais, até o advento da federalização da Escola. Os telegramas de felicitações enviados na data da fundação do curso são endereçados à D. Marina (ANEXO 2).

No dia 8 de março de 1949 é publicado no Diário Popular um aviso aos interessados em realizar matrícula no Curso Preparatório para a Escola de Belas Artes. O endereço, Rua Dr. Berchon nº 2, é a casa de Dona Marina.

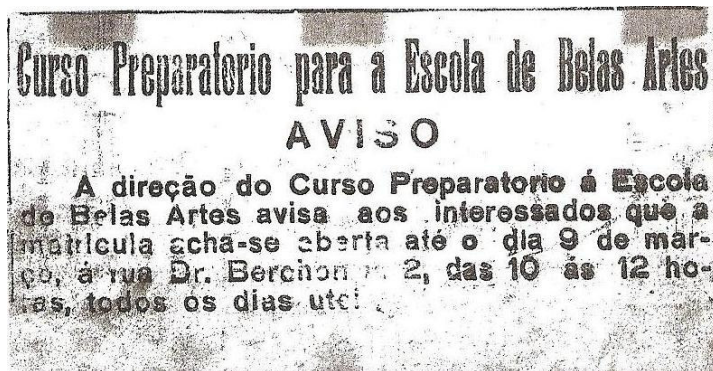


Figura 2 Aviso informando data e local para matrícula no Curso Preparatório da Escola de Belas Artes de Pelotas. O endereço que consta na divulgação corresponde à casa de D. Marina. (DIÁRIO POPULAR, 8 de março de 1949) – Acervo de Janice Pires Corrêa Franco.

No discurso proferido pela aluna Yeda Louzada no dia da inauguração da primeira exposição de trabalhos da Escola, no final de 1949 (ANEXO 3), há agradecimentos às personalidades importantes:

impossível torna-se ainda, deixar de referir-me, à respeitosa diretora, a nossa querida D. Marina, pelos esforços incontáveis, que tem realizado, numa luta incessante para adquirir o de melhor para a nossa Escola; enfim pelo seu interesse, carinho e dedicação, qualidades estas, que ressaltam do seu formoso caráter e que ela distribui à mãos cheias, a todos indistintamente. À ela como retribuição de nossos corações agradecidos oferecemos a nossa perene amizade.

Em 12 de dezembro de 1952, o Dr. Ênio de Freitas e Castro, da Associação Rio-Grandense de Música, envia ofício à D. Marina agradecendo o convite para a “IV Exposição de Trabalhos de Desenho, Pintura e Modelagem” dos alunos da EBA. Felicita, efusivamente, D. Marina pelo acontecimento e afirma ser testemunha de que a EBA de Pelotas “nasceu da sua iniciativa esclarecida e seu incansável esforço por torná-la uma feliz realidade”.

Contudo, foi através das entrevistas realizadas para a obtenção das fontes orais utilizadas para compor esta dissertação que a figura de D. Marina realmente surgiu, vívida, através da grande admiração que as entrevistadas, sem exceção, demonstraram por ela.

Nota-se claramente através das falas das entrevistadas que D. Marina representa para elas uma pessoa muito especial, com um sonho, um ideal de vida que era proporcionar à cidade de Pelotas uma Escola de Belas Artes de nível superior. Conforme veremos a seguir, não poupam elogios.

3.2 As Entrevistas

O assunto da entrevista, acordado previamente com as entrevistadas, era a fundação e os anos em que estas fizeram parte da instituição, como alunas e/ou como professoras. Entrevista não estruturada, na qual o relato era livre²⁷. Todas elas começaram seu depoimento falando da Dona Marina.

Maria Luiza, a primeira entrevistada, começa dizendo: “Dona Marina é a figura mestra de tudo”. “A escola é o resultado do esforço dela”. Sobre os primeiros anos de funcionamento, fala que no início era uma composição meio de grupo, como em família, que todos se davam muito bem e, também, que a Dona Marina, com aquele jeito dela, sempre arrumadinha, sempre impecável, era mesmo uma “batalhadora incansável”.

Acrescenta que seu pai (da entrevistada) fez parte da diretoria da Escola, que “tinha uma diretoria, mas quem mandava mesmo, e inclusive com aplausos, era a D. Marina”.

Já ao lembrar da época em que foi professora da EBA, Maria Luiza recorda a fase da luta pelo reconhecimento do curso: “Foi uma batalha para reconhecerem... Uma batalha. Mas a Dona Marina conseguiu isso!”.

²⁷ As entrevistas foram realizadas na casa das entrevistadas, gravadas (a não ser Maria Luiza Pereira Lima) e posteriormente transcritas. Duraram cerca de duas horas. As datas das entrevistas são: Maria Luiza Pereira Lima: 02 de junho de 2006; Maria Luiza Pereira Lima e Yeda Machado Luz, 04 de junho de 2007; Yeda Machado Luz, 22 de junho de 2007 e 03 de março de 2008; Luciana Renck Reis, 15 de junho de 2007 e 29 de outubro de 2007; Therezinha Röhrig, 04 de agosto de 2007.

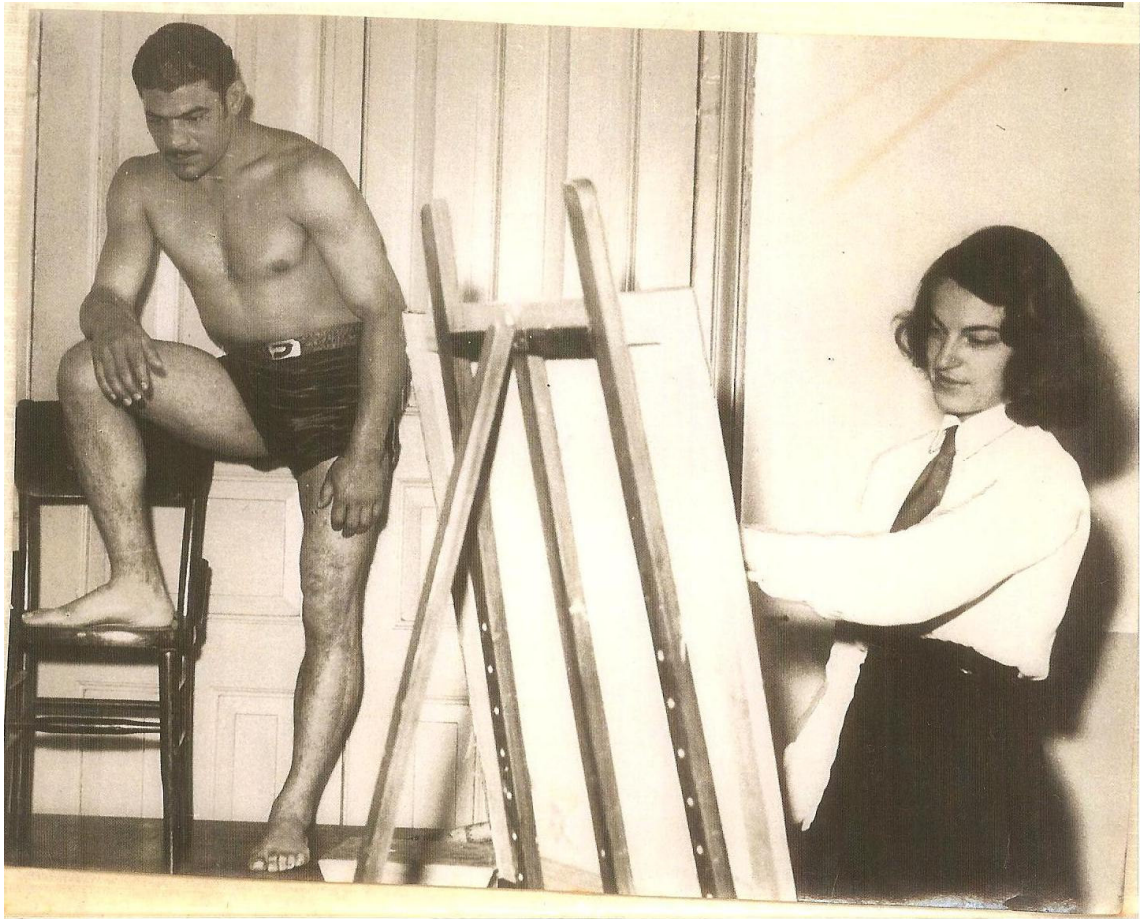


Figura 3 - Fotografia de 1951, mostrando uma aula de pintura na Escola de Belas Artes. Aparecem na foto a aluna Maria Luiza Pereira Lima e o modelo que posava para os alunos, apelidado por eles de “Tarzan”. “Tarzan” era um conhecido lutador de boxe. Esta fotografia foi utilizada em matéria do jornal Diário Popular de 15/05/51. Se pode observar, por meio da moça, traços de um certo vanguardismo para esta época, no sul do país. (Acervo Janice Pires Corrêa Franco).

A segunda depoente foi Dona Yeda Machado Luz. Na entrevista, afirma: “Dona Marina, ela foi uma heroína”. Relata que D. Marina, quando dava aulas no Assis Brasil, começou a sentir falta de um estabelecimento que desse continuidade àquele princípio que tinha lá. Que foi aí que ela teve a inspiração. D. Yeda demonstra encantamento com “a escola como Dona Marina organizou... foi uma abnegada... um amor, uma paixão que ela tinha pela escola!”. E acrescenta informações relevantes, como por exemplo que a Dona Marina, para fundar a Escola, levou muita gente do Assis Brasil: “a Maria Luiza, a Luciana, a Nina, a Dorinha, a Diná”.

Já a antiquária Luciana Reis²⁸, começa a entrevista dizendo: “A Escola de Belas Artes é um sonho da Dona Marina”. E continua: “Dona Marina de Moraes Pires, que foi colega do Leopoldo Gotuzzo”. Os dois teriam sonhado com um estudo diferente em arte. Então, Luciana diz que a Dona Marina lecionava desenho no Assis Brasil e conseguiu emprestada uma sala, que logo se mostrou insuficiente, diz que esta foi só uma tentativa... Mais adiante na entrevista, após abordar diversos outros assuntos, retorna a falar da fundadora dizendo que a Dona Marina queria oferecer para a cidade um curso de Belas Artes. Quase ao final da sua fala arremata: “A EBA é um sonho da Dona Marina tornado realidade”.

A última entrevistada foi a internacional cantora pelotense Therezinha Röhrig, que foi aluna da primeira turma, mas não concluiu o curso porque passou para a área da música²⁹. Não fugiu a regra: “A Dona Marina tinha aquele ideal, aquela vontade de ter uma Escola de Belas Artes aqui em Pelotas. Foi o ideal dela toda a vida”.

Therezinha foi aluna da D. Marina no Assis Brasil. Lá, tinham aula de desenho, tinham aula de pintura. Conta que quando a turma se formou, cada um tinha uma tela, um quadro. São estas as suas palavras:

A Dona Marina dava aula de desenho artístico, no Assis Brasil, onde eu me formei. Nós tínhamos aula à tarde, parece, de pintura. Acho que era para quem queria fazer. Mais eu, adorava, não é? Naquela época para fazer aula tinha que ter o talento. No Assis Brasil, tinha a turma que fazia pintura. Tinha alunos talentosos.[...] Ela, quando via que um aluno tinha talento, ela estimulava aquele aluno. E o ideal dela, acho que da vida inteira dela, foi criar uma Escola de Belas Artes em Pelotas. E conseguiu, sim. Graças ao ideal, àquela força dela, àquela vontade que ela tinha. (THEREZINHA RÖHRIG, 2007)

²⁸ Luciana é casada com Luis Reis, sobrinho de Dona Marina. Algumas vezes referiu-se a ela como “tia” Marina.

²⁹ Há pouco recebeu o título de “Cidadã Emérita” da cidade de Pelotas pelo valor de seu trabalho na área do canto.

Therezinha argumenta que o professor tem que educar desde o momento em que entra em sala de aula. E que a Dona Marina ensinava a se portar, a se vestir. “Aprendi muita coisa com ela, muita coisa”. Fala que ela era uma pessoa requintada. E que dona Marina já era uma senhora quando sua professora no Assis Brasil; que era a mãe da Rosina.

Recorda também da família e da sua posição social: pertencia à família Cordeiro. O marido era Claro Pires. Era da “alta sociedade”, uma pessoa de família de tradição. Moravam em um bangalô, uma casa de dois andares, ou três, e tinha um jardim na volta. A casa ficava na esquina da Gonçalves Chaves com a Avenida, onde hoje tem um supermercado, bem pertinho do Esporte Clube Pelotas, onde pessoas da família jogavam tênis.

Mais adiante, falando de sua carreira de sucesso como cantora, diz que só se consegue fazer alguma coisa em arte por amor. Que a pessoa dá o seu sangue por aquilo, para conseguir o seu ideal, que não é só visando o dinheiro. E aí volta a falar de Dona Marina: “Dona Marina ia lutar por aquele ideal dela. Tem que ter coragem para isso, porque precisa muita coragem, hein? Duvido que outros tivessem... Porque primeiro a coragem!”

Therezinha diz que ela foi uma figura fantástica na cidade. E que era “finérrima”. Que ela não alterava a voz. Que “ia lá, lutar por essas coisas, sem alterar a voz, nada. Podes ter certeza. E sempre elegante!”.

Cabe aqui lembrar que as entrevistas realizadas duraram aproximadamente duas horas, nelas foram abordados múltiplos aspectos da instituição e de seus personagens, e que as falas das entrevistadas sobre a fundadora da escola estão condensadas, neste capítulo. Assim apresentadas, podem até parecer exageradas, mas inseridas nas entrevistas revelam simplesmente o reconhecimento da importância desta figura.

Ao que parece, o advento da instituição foi, realmente, a concretização do sonho desta professora de desenho do Instituto de Educação Assis Brasil³⁰, com o apoio e a participação de um grupo de pessoas que compartilhavam os mesmos valores³¹ e acreditavam na importância de a cidade de Pelotas possuir um curso em nível profissional de formação em artes plásticas.

3.3 O Diário de Dona Marina

Registros de experiências pessoais conservadas pela escrita, os diários íntimos estão, quase sempre, destinados à invisibilidade – em velhos baús, queimados ou jogados no lixo – dado seu caráter de *escritas ordinárias*³². Se protegidos em acervos pessoais, conformam um corpo documental de inestimável valor como fonte histórica e podem fornecer informações e indícios sobre práticas cotidianas expressas em hábitos, costumes, valores e representações de uma época e, como tal, analisados a partir do conceito de *lugares de memória*. (CUNHA, 2007)

D. Marina tinha o hábito de anotar em um diário as atividades realizadas por ela. Tratava-se de um diário íntimo, como costumam ser os diários femininos. Sucede que no caso de uma mulher como Dona Marina, com uma atuação tão importante na esfera pública, este diário pode ser visto de forma diferente. Segundo a historiadora Maria Teresa Santos Cunha, os diários, ou no caso deste trabalho trechos de diários, podem ser problematizados pelo historiador que os qualifica e ressignifica como fonte/documento de um tipo ainda pouco utilizado na pesquisa histórica (CUNHA, 2007). O fato de Dona Marina ser a fundadora da Escola de Belas Artes de Pelotas, importante instituição educacional em atividade e com

³⁰ Instituição criada em 1929 como escola complementar, passa depois a funcionar como IEAB e existe até hoje

³¹ Grupo de mesma classe social, com identidade de interesses.

³² CUNHA (2007) esclarece o sentido de escritas ordinárias: segundo FABRE, Daniel em sua obra *Par écrit. Ethnologie des écritures quotidiennes*. Paris: Editions de la Maison des Sciences del'Homme, 1993: Escritas ordinárias são aquelas realizadas pelas pessoas comuns e que se opõem aos escritos prestigiados, elaborados com vontade específica de “fazer uma obra” para ser impressa.

importantíssima atuação até hoje faz com que trechos do seu diário extrapolem a esfera íntima e entrem para a posteridade, dando conhecimento público à sua atuação. Estes trechos de diário, relativos especificamente ao processo de formação da Escola de Belas Artes, fazem parte da vida pública, e não da vida privada da autora, pois é o seu relato de suas ações públicas. Parece mesmo que ela escreveu para a posteridade...

Estas anotações fazem com que possamos ter uma idéia do trabalho expendido e das dificuldades que foram enfrentadas para a realização do empreendimento. É significativo o fato de a pessoa que assumiu tal missão ser uma mulher, mãe de família³³, nascida no final do século dezenove mas que, segundo sua neta Janice, deixou sempre a família em segundo lugar para perseguir este objetivo.

Em notas do seu diário: “Prometi às minhas alunas da Escola Assis Brasil (onde conseguimos uma salinha pequena para pintura que apelidamos: um pedacinho do céu, onde trabalhavam apenas as melhores alunas) de que conseguiria para Pelotas uma Escola de Belas Artes”. Ao que parece, mesmo que a fundação do curso fosse uma demanda da sociedade de um modo geral, não há dúvida que a ação individual fez a diferença.

No diário de Dona Marina estão também anotadas algumas providências tomadas para que a Escola pudesse vir a existir:

17/01/1949: Estive ontem na Catedral falando aos pintores que estão decorando-a, sobre se poderiam tomar conta de uma cadeira de pintura no curso que pretendemos criar.

Aceitaram como uma retribuição às muitas gentilezas aqui recebidas³⁴. Imediatamente fui com D. Noemia e Therezinha Röhrig ao Bispado pedir autorização ao Sr. Bispo, visto haver um contrato entre êle e os pintores. Resposta foi satisfatória com os melhores votos.

02/03/1949: Falei com Dr. Duval, prefeito, que prometeu ajudar mas não criar o Curso. Procurando sala para o Curso: Caixeiral nega. Locatelli confirma o prometido dizendo que o curso seria “com muita serietá”.

³³ São sete filhos: Gilka, Inácio Luís, Claro, Rosina, Ney, Plínio e Milton.

³⁴ Sem receber nenhum tipo de remuneração, como todos os professores da fase inicial da Escola. Posteriormente, Locatelli passa a receber pequena quantia.

Osmania apresenta Ary Alcântara – secretário de Arthur – que me promete um auxílio de até 300 mil para o Curso; disse considerar vantajoso se fossemos anexados ao Conservatório. À tarde falei com o Prof. Milton que informou que seria vantajoso se a verba viesse em nome do Conservatório. Demasiada procura de matrículas.

Visita ao prefeito Duval que perguntou quem auxiliaria o Curso, se seria o Estado? Havia esquecido o combinado anteriormente.

Discutimos amavelmente e ficou resolvido que enviaríamos um ofício à prefeitura pedindo CRS 20.000,00 para o Curso (concederam CRS 12.000,00), ainda tive o prejuízo dos óculos partidos.

À noite do dia 12 fui à casa do Dr. Duval, aniversário de Lolita e fui informada que o Prof. Milton pretendia CRS 1.800,00 – sendo CRS 1.200,00 do Governo Federal e CRS 600,00 da Prefeitura.

Organizando lista de convites para inauguração do Curso. Tencionamos que seja dia 19, sábado.

16/03/1949: Recebi da Câmara um voto de louvor. Convidamos Dr. Amaral Ribeiro para fazer o discurso inaugural, aceitou.

17/03/1949: Manhã: 3 aulas no Assis Brasil.

À tarde, convites especiais digo oficiais. O Capitão da Brigada ofereceu a Banda para tocar na cerimônia, de tão cansada não pude dormir.

19/03/1949: Grande dia:

Fui à livraria buscar o livro de atas encomendado com letras de ouro...

Fui buscar Osmania às 7:30 horas e quando chegamos à biblioteca já lá estavam muitos convidados.

Aberta a sessão, a banda, gentilmente cedida pela brigada tocou o Hino Nacional; passei a presidência ao Dr. Duval declarou não ser ele o pioneiro como dissera ela e sim nós duas. Mais algumas palavras para encerrar a sessão. O Prof. Paula Alves leu a ata que as pessoas presentes assinaram.

Assim nasceu a Escola de Belas Artes de Pelotas.(NOTAS DO MEU DIÁRIO,1949, p.2)

Os trechos de diário referentes ao processo de formação da EBA jogam luzes sobre vários pontos e reforçam a idéia de atuação "em várias frentes" por parte de D. Marina. Ela freqüentava a casa do prefeito, Dr. Duval, pois foi lá, "no aniversário de Lolita", que soube da pretensão por verbas do Professor Milton de Lemos (do Conservatório de Música) para a Escola. Este fato deixa clara a sua proximidade ao poder executivo municipal. Sua amiga Osmânia era vereadora e apresentou-lhe Ari Alcântara, na época secretário de Arthur³⁵ e, posteriormente, prefeito de Pelotas, que promete auxílio de até 300 mil para o curso. Também comprova-se que foi iniciativa dela ir falar com os italianos que decoravam a Catedral para pedir que ensinassem pintura no curso de arte. Eles aceitam, e imediatamente ela e amigas dirigem-se ao Bispado para pedir permissão ao Bispo Dom Antonio Zattera, que concede e ainda "com os melhores votos". Visita o prefeito, certamente na prefeitura, para pedir verba. Negocia o valor da verba. Procura sala para o curso. Recebe

³⁵ Deputado Artur Souza Costa

negativas. Consegue uma sala. Faz matrículas para o curso. Dá aulas no Assis Brasil. Organiza lista de convites. Arruma o salão da Biblioteca, onde se dará a cerimônia de inauguração. Encomenda livro de Atas. Busca o livro de Atas. Busca D. Osmânia em casa Participa da inauguração do Curso, recebe homenagens. Tudo corre, segundo a própria, “às maravilhas”. Ao finalizar o grande dia, registra tudo no seu diário...

3.4 As Notícias nos Jornais

Ao examinar os jornais da época pode-se confirmar o nome de Dona Marina presente em todas as matérias a respeito da possibilidade de Pelotas possuir uma Escola de Belas Artes e, posteriormente, na quase totalidade das matérias a respeito das atividades da nova Escola.

Anteriores à inauguração da Escola, temos: no Diário Popular de 15 de fevereiro de 1948, em entrevista com o pintor e professor Ângelo Guido sob o título “Pela sua cultura, Pelotas comporta a criação de uma Escola de Belas Artes”, consta viagem a Porto Alegre realizada por Dona Marina para tratar do importante assunto da fundação, em Pelotas, de uma Escola de Belas Artes.

Também no dia 4 de março do mesmo ano, em matéria intitulada “Iniciativa de relevante valor social e cultural, que merece o nosso apoio”, com reportagem com o Dr. Amaral Ribeiro que discorre sobre a criação de uma Escola de Belas Artes, o jornal publica que os pelotenses deveriam “emprestar irrestrita solidariedade às eminentes educacionistas, professoras Marina de Moraes Pires e Osmânia Campos que, elogiosamente, são as pioneiras do empreendimento de que nos ocupamos”.

Em 17 de março de 1949, é noticiado no Diário Popular, na coluna “NOTAS DE ARTE”, o voto de louvor prestado pela câmara de vereadores à Sra Marina de Moraes Pires, catedrática de Desenho, pela iniciativa de criar o Curso.

Nesse período, nas várias notícias sobre o sucesso da inauguração do Curso Preparatório da Escola de Belas Artes de Pelotas aparece sempre com destaque o nome de Dona Marina, juntamente com o da vereadora D. Osmânia e o do prefeito Doutor Duval.

À época da publicação dos estatutos da nova escola, na coluna “Notas de Arte” do Diário popular é noticiado este fato e outras visitas em prol da Escola realizadas por Dona Marina na capital do estado: “De Porto Alegre, acaba de regressar a exma. Professora D. Marina Moraes Pires, diretora de nossa Escola de Belas-Artes, e que ali fora tratar da publicação dos estatutos dessa novel e já florescente casa, no ‘Diário Oficial’, para fins de Registro”. Diz também a reportagem que, na Secretaria da Educação, a prof. D. Marina avistou-se com o respectivo titular, Dr. César Alves, que se mostrou “deveras satisfeito” pelo bom andamento dos trabalhos da Escola, e prometeu para breve solução sobre a nomeação de outros professores. D. Marina visitou também, conforme o jornal, o Dr. Cylon Rosa que, desde o início da escola manifestou interesse por ela, e também o Major Becon.

A Opinião Pública, em 19 de dezembro de 1949, traz a manchete: “Inaugurou, ontem, a Escola de Belas Artes de Pelotas, sua primeira mostra”. A reportagem elogia os trabalhos dos alunos e evidencia a atuação de D. Marina no curso, “a cuja frente se encontra emprestando o valioso concurso de seus conhecimentos artísticos e a inestimável cooperação do seu desprendimento”. Ao final, diz:

A mostra dos trabalhos dos alunos da Escola de Belas Artes foi inaugurada ontem à tarde, tendo comparecido à mesma, emprestando o prestígio do seu apoio, o sr. Prefeito municipal, dr. Joaquim Duval, por quem a diretora Marina Pires foi vivamente cumprimentada em virtude do êxito alcançado pelo seu esforço em prol de tão grande realização que é a Escola de Belas Artes.

No dia seguinte, o Diário Popular noticia a primeira mostra da escola, enfatizando “o bom aproveitamento dos alunos em tão curto espaço de tempo, mercê do interesse e abnegação dos professores, que têm à frente a exma. Sra. D. Marina de Moraes Pires”.

Em 1964 (12/08/1964), o Diário Popular publica matéria sobre as reformas em andamento no prédio doado à escola. O entrevistado é o presidente da Instituição que diz ao final da entrevista ser a professora Marina de Moraes Pires a idealizadora, fundadora, emérita e dedicada diretora da Escola.

Há um recorte de jornal pertencente ao acervo particular da Dr^a Janice Pires, datado de 1964, assinado por Franco Villa³⁶ que trata de forma muito interessante a Instituição e a fundadora. O autor começa o artigo dizendo que o celebrado 15º aniversário da EBA suscita “uma meditação sociológica em torno do papel da mulher no manutenção da cultura”. Diz que há poucos anos lera artigo na revista argentina “Atlântida” em que era destacado um fato que se vinha evidenciando mais e mais: que devido aos afazeres econômicos intensivos a que se dedicavam os homens platinos, vinham deixando de lado o aprimoramento cultural, tarefa a que se vinham entregando mais completamente as damas bonaerenses. Traça, então, paralelo com a situação da EBA:

Aqui entre nós há sinais de fatos semelhantes aos apontados. Eis a Escola de Belas Artes de Pelotas fundada por D. Marina Moraes Pires e mantida graças à sua têmpera de mulher pertinaz em seus propósitos de dotar sua cidade natal de um ambiente sério onde se processasse o cultivo das Artes Plásticas.

É sabido que não lhe faltaram maus momentos que teriam posto por terra um espírito menos galhardo. Promessas de verbas e postergações de subvenções pareciam constituir a resposta aos seus esforços administrativos. (ANEXO IV, 1964)

³⁶ Pseudônimo de Francisco Vidal Dias da Costa, psicólogo e cronista de arte, que colaborou sistematicamente por cerca de 50 anos no Diário Popular.

O articulista, em seguida, aborda a questão da luta pela sede própria, criticando atitudes e considerando que atos de egoísmo, incompreensão e injustiça, que envergonharam uma cidade tida como tradicionalmente culta e generosa impediram a conquista da dita sede. Então, fala da doação de D. Carmem Trápaga Simões³⁷.

Finalizando seu artigo, discorre sobre as duas damas pelotenses propugnadoras da cultura:

D. Carmem e D. Marina podem ser consideradas como as colunas mestras na história contemporânea das Belas Artes em Pelotas. Repetiram elas gestos de grandes damas conterrâneas que faziam de suas casas centros de convergência do grande mundo, atraído belamente por luzes, sons e formas artisticamente cultivados em festas memoráveis.

Numa expansão talvez mais generosa, adaptando-se à época de democratização da cultura, ambas as senhoras abriram as janelas de suas almas para as gerações novas. Simbolizaram por seus gestos talvez muito mais que a materialidade de seus bens ou a dedicação de seu precioso tempo: reavivaram a fé bruxuleante da compreensão humana, e reacenderam nos corações combalidos a confiança em melhores dias para os empreendimentos pioneiros da terra pelotense.

Parece-nos indubitável, analisando as informações obtidas por este trabalho, a importância da atuação desta Dama Pelotense no processo de implementação do tão almejado curso em nível superior de artes plásticas na cidade de Pelotas.

³⁷ Esta é uma questão que será tratada no item 4.5 deste estudo.



Figura 4 - Placa de bronze inaugurada em 1968, pelo prefeito de Pelotas Edmar Fetter, em reconhecimento à contribuição de D. Marina de Moraes Pires para a cultura da cidade. O descerramento da placa deu-se em cerimônia ocorrida no prédio da Rua Marechal Floriano, onde a placa está até hoje.

4 A ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS

A História da Belas Artes é um pedaço da história cultural de Pelotas.
(DIÁRIO POPULAR, 1964, p. 3)

Jantzen (1990) relata, em seu trabalho, a dificuldade de fazer uma “história social” da EBA, diferentemente do caso do Conservatório de Música de Pelotas. Afirma que no caso do Conservatório eram explícitas as vinculações com as estruturas e pessoas vinculadas ao poder local. Diz ainda que no caso da EBA isso não é nem um pouco evidente, ou pelo menos não facilmente revelado pelos poucos documentos disponíveis.

Creio que com este trabalho supera-se estas dificuldades, principalmente pela riqueza das fontes obtidas. Este aspecto ficará bastante esclarecido, ou seja, as conexões dos fundadores da Instituição com o poder político local.

Citando Jantzen,

As parentelas pelotenses, descendentes da oligarquia agrária, sempre mantiveram representantes em posições de destaque em todos os estabelecimentos de ensino, especialmente naqueles que hoje integram a UFPEL. Se, indo um pouco mais adiante nessas considerações, assumirmos que os laços de consangüinidade são “mais fortes” do que outro tipo, uma segunda via de acesso ou participação nas instituições seria determinada por alianças entre grupos da mesma classe social. Esses têm identidade de interesses. As estruturas que produzem dentro da cultura em que se incluem funcionam até como “mediações” entre seus interesses, em diversos domínios. (JANTZEN, 1990, p. 155)

Poderia-se afirmar que, neste aspecto, a EBA não foge a esta regra. No processo de sua formação aparecem os mesmos nomes que constam nas estruturas de poder e de ensino de Pelotas.

4.1 O Processo de Criação da EBA

Como já foi dito antes, pelo valor dado pela sociedade pelotense à cultura e, por conseguinte, às artes, seria de se esperar que a cidade possuísse uma escola de artes plásticas. Porém, já findando a primeira metade do séc XX e ainda não havia aqui o ensino formal do desenho, da pintura e escultura.

As coisas começaram a acontecer no ano de 1946. Foi D. Marina de Moraes Pires que começou efetivamente a trabalhar para que a cidade conseguisse ter a sua escola de artes. Ou seja, mesmo que a fundação do curso fosse uma demanda da sociedade de um modo geral, não há dúvida de que a ação individual fez a diferença. Trazendo o pensamento de Elias:

A interpretação da singularidade de um acontecimento, objeto da historiografia, demanda a investigação e análise da figuração social dos indivíduos, suas relações e redes de interdependência, de modo a permitir a compreensão de sua existência singular e a dinâmica de mudanças e rupturas. (ELIAS *apud* Faria Filho, 2005, p.143)

O poder público municipal, na pessoa do prefeito, Dr. Procópio Duval Gomes de Freitas, dá apoio à iniciativa.

Assim, em julho de 1946, D. Marina viaja ao Rio de Janeiro portando ofício³⁸, assinado pelo prefeito, destinado ao Ministro da Educação da época, Dr. Ernesto de Souza Campos. A presença de D. Marina na capital tinha como objetivo conseguir, junto ao ministro, apoio no sentido de “conseguir junto ao governo federal a concessão de uma Escola de Belas Artes para Pelotas, nos moldes das escolas congêneres do País”, conforme o documento.

Justificando a pretensão, no documento acima referido consta que a criação do curso corresponde a um justo desejo dos pelotenses, pois “a pintura e a escultura continuam sem orientação eficaz, muito embora Pelotas possa apresentar artistas importantes como Leopoldo Gotuzzo, Adail Bento Costa e Antônio Caringi”. E,

³⁸Gabinete do Prefeito, Prefeitura Municipal de Pelotas, Ofício nº 601/66, 1º de julho de 1946

diferentemente da música e do canto, que são atendidos pelo Conservatório de Música, a cidade não possuía uma instituição de ensino que contemplasse as artes plásticas. É alegado que a cidade é ponto de convergência de vasta zona do estado, onde grande número de moços vem procurar aprimoramento intelectual, e que muitas vocações perecerão na falta de tal instituição.

Em agosto chega a resposta do ofício encaminhado ao ministro³⁹. Note-se que esta correspondência é dirigida ao prefeito, enviada para a prefeitura. Entretanto neste documento há, escrita pelo próprio punho do Dr. Procópio, mensagem enviando-o para D. Marina, em seu endereço residencial⁴⁰. Com isto comprova-se que mais do que à prefeitura, é à D. Marina que diz respeito esta resposta.

Neste documento é comunicado que a criação de escolas de ensino superior é regulada pelo decreto-lei nº 421⁴¹, e é necessária autorização prévia do Governo Federal para que entrem a funcionar:

A autorização deverá ser solicitada ao Ministro de Estado da Educação e Saúde e deverá o requerimento ser acompanhado de documentação que prove a satisfação das exigências do artigo 4º do referido decreto-lei, que são: 1- prova de personalidade jurídica: certidão de registro da sociedade em cartório e estatutos da sociedade; 2- prova de capacidade financeira: balanço (ativo, passivo, demonstração de contas com despesas gerais e lucros e perdas); 3- edifícios e instalações: planta baixa e fotografias do edifício e relação do material didático; 4- relação do material escolar e de secretaria; 5- relação do pessoal (diretor, secretário, tesoureiro e contador, sendo que este deve ser registrado na D.E.C.); 6- regimento interno da escola; 7- curriculum vitae do corpo docente; 8- limite de matrícula para cada série; 9- condições culturais da localidade; 10- real necessidade do curso.

Não sendo possível satisfazer todas as exigências, no ano seguinte (agosto de 1947) outra tentativa foi feita por D. Marina, desta vez junto à Secretaria da Educação e Cultura do estado.

³⁹ Documento nº 417, de 5 de agosto de 1946, assinado por Roberval Carneiro de Freitas

⁴⁰ "Para D. Marina Pires, rua Dr. Berchon nº 2. Em 26.8.46. Procópio G Freitas."

⁴¹ Decreto-lei de 11/05/1938, publicado no Diário Oficial de 12/05/1938, modificado pelo decreto-lei nº 2076 de 08/03/1940, publicado no Diário Oficial de 11/03/1940.

O Dr. Waldemar Lubke, secretário da Escola de Belas Artes de Porto Alegre, aconselha fundar em primeiro lugar um Curso Preparatório para a Escola de Belas Artes de Pelotas, até que se conseguisse preencher todos os requisitos necessários.

Em 31 de dezembro de 1947, D. Marina e D. Osmânia Vinhas de Campos foram portadoras de carta, enviada pelo então deputado estadual Dr. Duval, ao Secretário de Educação e Cultura Dr. Eloy da Rocha, pedindo apoio à criação do curso.

Em 12 de janeiro de 1948 um plano foi feito e enviado à Secretaria a pedido de Dr. Enio de Freitas e Castro (Superintendente do Ensino Artístico), no qual era solicitada verba para três professores.

Já em 1949, sem solução alguma de parte do Estado, com a promessa de pequeno auxílio feita pela prefeitura, o curso é criado em caráter particular.

Não podemos deixar de mencionar, neste processo, a participação da figura importante do pintor italiano Aldo Locatelli, que, em janeiro de 1949, convidado por Dona Marina, aceitou ministrar aulas no curso que ela pretendia formar. Aldo Locatelli veio para o Brasil em 1948, diretamente a Pelotas, a convite do Bispo Dom Antonio Záttera, para pintar a Catedral São Francisco de Paula; a sua indicação fora feita pelo núncio apostólico de Paris, que mais tarde se tornaria o papa João XXIII. Pretendia voltar à Itália, mas não o fez, pois rapidamente se afeioou à cidade e ao estado, que adotou e reproduziu em marcantes trabalhos. Trabalhou em Pelotas na decoração da Catedral⁴² e como professor da Escola de Belas Artes. Trouxe sua esposa, teve filhos, e tornou-se professor do Instituto de Artes da UFRGS. Veio a falecer em 03/09/1962, aos 47 anos, provavelmente vítima da constante inalação de cheiros de produtos químicos usados nas tintas

⁴² Um afresco de cerca de 800 metros quadrados, tendo como tema a vida do fundador da Ordem dos Eremitas de São Francisco.

utilizadas. Aldo Locatelli nascera em Bérgamo, na Itália, em 1915, numa família humilde; na infância, ficara impressionado com a restauração da igreja de sua terra natal. Em 1931, iniciou um curso de decoração, onde teve contato com obras de Rafael, Botticelli, Miguelangelo e outros grandes pintores. Entre 1943 e 1945, durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhou em sua primeira obra. Quando recebeu o convite do Bispo de Pelotas, estava pintando a catedral de Gênova.

Finalizando este item a respeito da criação da EBA, é oportuno lembrar que no momento da fundação do curso a cidade de Pelotas não mais era caracterizada pela opulência econômica que tivera no passado⁴³. Porém, tendo perdido poder econômico, seguia cultivando, talvez até com maior intensidade, o interesse pela cultura. Valorizar e possuir instituições culturais manteria a cidade em um pedestal que a distinguiria de outras localidades e reforçaria o mito de cidade cultural no contexto gaúcho e brasileiro. Não mais possuindo importância econômica, tentaria compensar isto através de bens simbólicos. Até os dias de hoje Pelotas tenta tirar partido deste “capital cultural” que seria herança dos tempos de opulência das charqueadas.

4.2 A Sessão Inaugural do Curso Preparatório da Escola de Belas Artes de Pelotas

No dia 19 de março de 1949 a cidade de Pelotas ganhava sua instituição de ensino de nível superior em artes plásticas: era inaugurado o “Curso Preparatório da Escola de Belas Artes de Pelotas⁴⁴”.

A cerimônia inaugural aconteceu no Salão Nobre da Biblioteca Pública Pelotense; na época eventos importantes, principalmente os da esfera cultural, aconteciam freqüentemente nesta importante instituição da cidade⁴⁵. Na solenidade

⁴³ Sobre o período áureo de opulência e cultura da cidade, ver Magalhães, 1993.

⁴⁴ O curso era preparatório porque neste momento ainda não tinha conseguido preencher todos os requisitos necessários para constituir uma instituição de nível superior em ensino de arte.

⁴⁵ Sobre a Biblioteca Pública Pelotense, ver Peres (1995).

estavam presentes autoridades civis, militares e eclesiásticas, professores, estudantes e outras pessoas de significação social⁴⁶. Participaram o prefeito municipal Dr. Joaquim Duval, e o presidente da câmara Municipal, e o hino nacional foi executado pela banda do 4º Batalhão, o que atesta a importância de que se revestia o acontecimento para a cidade. A cerimônia foi bastante concorrida e o curso recebido com grande entusiasmo.

Consta em ata que o orador oficial, Sr. Dr. Hipólito do Amaral Ribeiro, externou “expressões de gratidão e louvor aos esforçados promotores e propugnadores do auspicioso cometimento”. Em frases cheias de admiração, o orador referiu-se aos consagrados artistas que serão os professores do curso e ao finalizar seu discurso externou sua esperança no auxílio geral para a manutenção da instituição. Falou também o Sr. Professor Milton de Lemos, que, com entusiasmo, referiu-se aos “grandes nomes a quem muito devem as belas artes, principalmente a pictórica”.

A vereadora D. Osmânia Campos falou em nome da diretora do Curso Preparatório e agradeceu a cooperação das autoridades, especialmente ao Dr. Joaquim Duval, prefeito municipal. Ao fim de sua fala também apela ao povo para a manutenção do novel curso.

Pelas falas proferidas na inauguração, comprova-se a participação importante do prefeito, que apoiou desde o início a fundação da instituição, primeiramente com seu prestígio e depois com concessão de ajuda financeira. Nota-se também nos discursos a preocupação em relação aos recursos materiais e financeiros para a manutenção do curso. Isto por ser a escola particular, porém gratuita.

Encerrando a sessão, fala o prefeito, que se congratula com a criação do curso, frisando que “a criação deste é obra meritória das professoras Marina de Moraes Pires e Osmania Campos” (Ata da Sessão Inaugural).

⁴⁶ Conforme consta na Ata da Sessão Inaugural



Figura 5 - Mesa das autoridades no dia da cerimônia inaugural do Curso Preparatório da Escola de Belas Artes de Pelotas, no Salão Nobre da Biblioteca Pública de Pelotas (19 de março de 1949). A senhora que se encontra à esquerda é D. Osmânia Vinhas de Campos; a outra senhora é D. Marina de Moraes Pires.



Figura 6 - Pessoas assistindo a cerimônia de inauguração, no dia da fundação do Curso Preparatório da a Escola de Belas Artes de Pelotas (19 de março de 1949). O local é o Salão Nobre da Biblioteca Pública de Pelotas.

Assinam a ata da sessão inaugural, secretariada por Francisco de Paula Alves da Fonseca, pessoas da elite cultural pelotense como Joaquim Duval, Guilherme Echenique Filho, Hipólito do Amaral Ribeiro, Alvacyr Collares, Milton de Lemos, Fernando Braga, Paulo Duval, Mozart Victor Russomano, J. Jacques Ferrer, Suly Gomes, Francisco Simões, Carmem Maria Wisintainer, Cecy da Nova Cruz Sacco, Darcy Pereira Venturini, Silvia Mello, Osmania Vinhas de Campos, Miguel de Souza Soares, Heráclito Brusque, Marina de Moraes Pires, além do italiano Aldo Locatelli.

4.3 A Eleição e Posse da Primeira Diretoria da Escola de Belas Artes de Pelotas

No mês de setembro do mesmo ano, novamente no salão nobre da Biblioteca Pública Pelotense, é eleita por aclamação a primeira diretoria da agora Escola de Belas Artes de Pelotas. Novamente com a “presença de autoridades civis, militares e eclesiásticas e outras pessoas gradas”. De novo o hino nacional executado pela Banda do 4º Batalhão da Brigada Militar do Estado.

Os membros da primeira diretoria são os seguintes: Patrono - Leopoldo Gotuzzo; Diretor Honorário - Dr. Joaquim Duval; Diretor Geral- Profª Marina de Moraes Pires; Vice-Diretor - Dr. Fernando Braga; Segundo Vice-Diretor - Profª Osmania Vinhas Campos; Primeiro Secretário- Dra. Heloisa Assumpção Nascimento; Segundo Secretário- Dr. José Júlio Pereira da Silva; Primeiro Tesoureiro- Inah Ávila Costa; Segundo Tesoureiro- Plínio de Moraes Pires; Orador- Dr. Hipólito Amaral Ribeiro. Conselheiros: Dr. Procópio Duval Gomes de Freitas, Dr. Guilherme Echenique Filho, Dr. Francisco Simões, Dr. Miguel Souza Soares, Dr. Henrique Moaes, Prof. Paula Alves, Profª Silvia Mello, Osmar Flores, Olva Barros, Ezilda Lisboa da Silva, Profª Cecy da Cruz Sacco, Profª Maria da Glória P. de Sá, Dr. J. Julio de Albuquerque Barros, Dr. Paulo Duval e Dr. Alvacyr Faria Collares. Críticos de Arte: Escultor Antonio Caringi, Prof. Milton de Lemos, Dr. Heráclito Brusque e Dr. Waldemar Coufal (Livro de Atas, 1949).

O orador oficial da sessão, primeiramente, louva as figuras nobres de nossa cultura artística nas suas várias manifestações, como Leopoldo Gotuzzo, Dr. Francisco Simões, Dr. Miguel Souza Soares e Heráclito Brusque.

Em seguida, considera o apoio – moral, intelectual e material – que vem recebendo a escola, fazendo especiais considerações a D. Antonio Zattera, Bispo diocesano, ao Dr. Joaquim Duval, prefeito do município, e à dinâmica organizadora do curso D. Marina de Moraes Pires.

Consta em ata, também, que o orador “em belas palavras, fez uma saudação aos dois artistas italianos, ora em Pelotas, a serviço da arte, Srs. Aldo Locatelli e Adolfo Sartori”. Ao final, “perorou numa fervorosa prece a Deus pelo progresso e felicidade de Pelotas”. Muitas palmas aclamaram o ilustre orador.

Assim como ocorrera na cerimônia de inauguração, fez uso da palavra a Profª Osmania Campos que, além de tecer considerações sobre a fundação da escola, salientando a atividade eficiente da Profª Marina de Moraes Pires, quis acentuar sua disposição e interesse de, como vereadora municipal, trabalhar pela consecução de auxílio do município à escola. Termina seu discurso acentuando o valor do patrimônio artístico de Pelotas, no qual se inclui com destaque a Catedral, cuja remodelação se está processando pelo abnegado esforço do exmo. Snr. Bispo Diocesano.



Figura 7 - Aula de pintura na Escola de Belas Artes, no ano de 1951. Note-se a exigüidade do espaço. Aparece a modelo, que, segundo Therezinha Röhrig, era a empregada da aluna Inah Costa, e os alunos. O homem que aparece a direita é o pintor e professor Aldo Locatelli.

4.4 A EBA é declarada de Utilidade Pública / Convênios

A Escola de Belas Artes, fundada em 19 de março de 1949, é declarada por lei municipal **instituição de utilidade pública** em 1951, quando já prestara inestimáveis serviços , não só a Pelotas mas à própria Zona Sul (a EBA foi declarada de “utilidade pública” pelo Governo Municipal - lei nº 227, de 6 de janeiro de 1951). Isto parece indicar que o poder na cidade se sentia comprometido com o incremento da cultura.

E também é publicado no Diário do Congresso de 29/5/1951, projeto do Deputado pelotense Sylvio Echenique: “O Congresso Nacional decreta que é reconhecida como entidade de utilidade pública a Escola de Belas Artes, que funciona na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, com o objetivo de incentivar e propagar as belas artes sem fins remunerativos”. Sylvio Echenique, autor do projeto, justifica-o afirmando que

A Escola de Belas Artes representa não somente o esforço de um pugilo de abnegados pelotenses para manter com poucos recursos uma organização exemplar e promissora de brilhante futuro, como também uma entidade cultural de grande valor onde as vocações natas de tantos patrícios que a freqüentam se revelam e se firmam, levando mais alto o índice de cultura de nosso povo. E isto já é suficiente como justificação do que se pleiteia com este projeto.

Considerando a EBA uma entidade de utilidade pública, a Câmara dos Deputados reconhece a importância da Escola no cenário cultural de Pelotas . Isto, sem dúvida, atesta, como diz o DIÁRIO POPULAR em 2/6/1953: “a grandiosidade da obra que se vem realizando, mercê da abnegação de uma plêiade de idealistas que, milagrosamente, a mantém contando, apenas, com uma pequena subvenção do governo de Pelotas”.

Em outubro de 1961 a prefeitura de Pelotas assina convênio com a Escola de Belas artes de Pelotas. Por meio deste convênio a prefeitura se compromete a ceder àquela instituição de ensino quatro professoras que, desta maneira, serão incorporadas ao magistério do Município. Segundo este contrato, a EBA se compromete a fornecer, anualmente, dez bolsas de estudos ao município, a serem distribuídas entre os candidatos interessados no curso.

A Escola consegue subvenções, além da concedida pelo governo municipal, dos governos estadual e federal.



Figura 8 - O pintor e professor Aldo Locatelli (sentado, ao centro) com alunos da primeira turma da EBA no dia da formatura.

4.5 A Questão do Prédio

A Escola de Belas Artes de Pelotas iniciou suas atividades sem possuir um prédio próprio.

O Curso Preparatório da Escola de Belas Artes de Pelotas iniciou suas atividades em sala emprestada, no prédio da Biblioteca Pública Pelotense. O irmão de D. Marina, Henrique Carlos de Moraes, fazia parte da diretoria da Biblioteca, e certamente isto facilitou este empréstimo – nas notas do diário de D. Marina consta o pedido feito anteriormente ao Clube Caixeiral por uma sala, que é negado. A entrada na Biblioteca se dava por uma porta lateral, pelo atual largo Conde de Piratini. Esta sala da Biblioteca, desde o primeiro momento, era insuficiente para o número de alunos. Ficavam pretendentes em lista de espera por falta de acomodação para todos. Dona Marina e a Diretoria tentavam soluções para o problema.

A questão do prédio ganha os jornais.

Em janeiro de 1950 encontra-se no Jornal da Tarde, por três vezes (dias 15, 16 e 21), artigos não assinados versando sobre uma casa abandonada à Rua 15 de Novembro nº 757 e pretendendo que a mesma fosse alugada para a Escola de Belas Artes:

...a Escola de Belas Artes de Pelotas, que ainda não possui sede própria, tem se empenhado repetidas vezes junto aos encarregados do prédio nº 757, afim de que lhes seja cedido o mesmo para que ali organizem sua sede. A Escola de Belas Artes de Pelotas comprometeu-se a fazer os necessários reparos na casa quase em ruínas, devendo receber a quantia gasta, em aluguéis. Entretanto, nem mesmo assim pôde essa instituição que tanto honra a cultura de nossa cidade, conseguir o prédio, que naturalmente nenhum proveito rende a seus proprietários assim abandonado.

Por que permanece essa tapera em plena rua 15 de novembro? Que interesses ocultos não a cederam à Escola de Belas Artes? Eis perguntas que endereçamos a quem de direito for, para que o assunto fique esclarecido logo.

Aguardamos (JORNAL DA TARDE, 16.01.1950)

Em 20 de março de 1950 o mesmo Jornal da Tarde, ao comentar o primeiro aniversário da EBA, chama atenção para o fato de que naquele ano a Escola teve que recusar 29 novos alunos, aceitando apenas a matrícula de 41⁴⁷, por falta de espaço físico. A seguir comenta que a Escola de Belas Artes estaria em negociações para a compra de um prédio, “a qual, se realizada, virá dotá-la de uma sede à altura de seu desenvolvimento”.

No Jornal da Tarde de 28 de outubro do mesmo ano consta que a EBA está em negociações finais para conseguir o contrato do prédio sito à rua 15 de novembro nº 757, onde funcionou a antiga Liga Operária, a fim de ali localizar a sua sede.

No final de 1950, grande manchete na Folha da Tarde: “HÁ DOIS ANOS QUE A ESCOLA DE BELAS ARTES LUTA PARA CONSEGUIR UMA SEDE PRÓPRIA”. A reportagem havia procurado a D. Marina Moraes Pires, que encontrava-se em Porto Alegre “tratando de assuntos de importância” para a Escola, e então aborda o Sr. José Júlio Pereira da Silva, secretário da EBA, que, perguntado sobre a sede própria, respondeu que, apesar do apoio do prefeito e da boa vontade de todos os pelotenses, a questão do prédio ainda não estava solucionada. Esclarecem que a Escola de Bela Artes estava no momento ocupando duas vezes por semana uma sala na Biblioteca Pública, mas que estavam entravadas as aulas para o primeiro ano por falta de espaço, assim como a inexistência de espaço para as aulas de modelagem. Ao final, disse o entrevistado, que esperava que ainda naquele ano se resolvesse a questão de “um prédio adequado e próprio, onde a Escola de Belas Artes de Pelotas possa cumprir o seu objetivo” (FOLHA DA TARDE, 3.11.50)

Deixando as salas⁴⁸ da Biblioteca, em 1951, a EBA mudou-se para prédio alugado sito à Rua General Osório, 819.

⁴⁷ Somados aos 53 já existentes, totalizam 94.

⁴⁸ No Diário Popular de 27 de agosto de 1952 consta que primitivamente a Escola funcionava em uma sala da Biblioteca Pública, mas depois de algum tempo passou a ocupar duas salas.

Em 27 de agosto de 1952, outra grande manchete trata da Escola, desta vez no jornal Diário Popular. “ESPLÊNDIDA REALIZAÇÃO NO CENÁRIO ARTÍSTICO DE PELOTAS” apresenta um esboço histórico da instituição, fala do corpo docente, da diretoria e atesta o êxito e importância do empreendimento. Na parte final da reportagem é abordado o tema da necessidade de um prédio próprio para a instituição.

Primitivamente funcionando em uma sala da Biblioteca Pública Pelotense e, posteriormente, em duas, acha-se presentemente a Escola instalada no prédio à rua General Osório nº 819.



Figura 9 - Fotografia do prédio que foi alugado pela EBA, situado à rua General Osório, 819. Este foi o primeiro prédio alugado pela Escola, após sair das salas emprestadas na Biblioteca Pública. Arquivo particular de Janice Pires Corrêa Franco.

O crescente desenvolvimento que vem tendo os seus cursos, já não comporta, entretanto, o referido prédio o número de alunos matriculados ocasionando essa situação sérias dificuldades ao ensino. De fato, as acanhadas

salas onde funcionam os cursos não dispõem, sequer, dos requisitos essenciais à aprendizagem, dificultando, deste modo, a tarefa de professores e alunos.

Compreendendo que a única solução para resolver em definitivo a vida da instituição dando-lhe a segurança e a estabilidade que merece, será a aquisição de um edifício em condições para nele instalar sede própria, pleiteou a Escola um auxílio do Governo Federal, no valor de um milhão e duzentos mil cruzeiros para aquele fim, já tendo mesmo em vista o edifício a ser adquirido.

É uma aspiração de todo justa e que, concretizada, virá dar maior impulso ao instituto convertendo-se, afinal, numa obra de real mérito para o desenvolvimento da arte em nossa terra com proveitosos reflexos no Brasil inteiro. (DIÁRIO POPULAR, 27.08.1952, p. 6)

A matéria exorta para que sejamos otimistas e tenhamos confiança na clarividência dos governantes para que concedam a verba necessária e “possamos em breve ver realizado o ideal da Escola de Belas Artes de Pelotas, consubstanciado no seu edifício próprio”.

Em 20 de novembro, nada ainda tinha acontecido, pois na coluna “A Opinião do Dia”, sem identificação da autoria, alega-se que

Agora que a Escola de Belas Artes vem firmando sua fama, apoiada esclarecidamente pela prefeitura Municipal, [...] o passo seguinte é a consecução de sua sede própria. Nesse ritmo de trabalho e estudo, adquire a Escola de Belas Artes de Pelotas merecido prestígio e justo será que, de uma forma ou de outra, consiga em breve uma sede própria adequada às suas finalidades. (A OPINIÃO PÚBLICA, 20/11/1952, p.2)

Notícia do dia 8 de abril de 1953 na seção “Écos e Comentários” que versa sobre aula de demonstração do Mestre e escultor Antonio Caringi, nos dá a saber que a novel, porém vitoriosa, Escola de Belas Artes de Pelotas “acaba de transferir-se para prédio mais amplo à Rua Andrade Neves, 657”. Era, ainda, um prédio alugado.

Como este edifício também não era grande, em algum momento a Escola alugou ao mesmo tempo um prédio na Rua Félix da Cunha, onde depois funcionou a Cruz Vermelha Brasileira (confirmado por depoimento de Maria Luisa Pereira Lima).

Em julho de 1955, na gestão do prefeito Dr. Mário Meneghetti, foi sancionada e promulgada a lei nº 574, que autorizava o executivo a doar à Escola de Belas Artes de Pelotas, imóvel pertencente ao município, tão logo deixasse o mesmo de ser ocupado pela Escola de Agronomia Eliseu Maciel (que estava de mudança para o Campus Universitário). Este fato não é conhecido, ou lembrado, por nenhum dos entrevistados, mas existiu. De fato, o governo municipal doou à EBA o edifício, entretanto, o governo federal não o entregou⁴⁹, fazendo com isto perdurar o problema da sede⁵⁰.



Figura 10 - Aula na rua, na frente do prédio onde havia funcionado a Escola de Agronomia Eliseu Maciel. Este prédio foi doado pela prefeitura à EBA e não foi entregue à Escola. Esta aula na rua foi uma manifestação dos alunos e professores com o intuito de conseguir a ocupação do prédio pela EBA.

Para pressionar a prefeitura a providenciar a desocupação do prédio e a entrega deste à EBA, os alunos e professores fizeram várias manifestações. Uma delas foi aula na calçada, à entrada do edifício que já não estava sendo ocupado pela Escola de Agronomia Elyseu Maciel.

⁴⁹ Queria o prédio para nele instalar a Universidade Rural do Sul.

⁵⁰ O prédio pertence hoje à Universidade Federal de Pelotas.

Mais um passo em direção à sede própria foi dado em outubro de 1955. Em relatório da comissão de finanças da Câmara dos Deputados ficou o Poder Executivo autorizado a abrir, pelo Ministério da Educação e Cultura⁵¹, o crédito especial de Cr\$ 1.000.000,00 para instalação, em sede própria, da Escola de Belas Artes de Pelotas, Estado do Rio Grande do Sul. Não resultou em nada.

A questão do prédio só foi resolvida em 1963 com a doação, pela dama pelotense D. Carmem Trápaga Simões⁵², de prédio sito à Rua Marechal Floriano à Escola de Belas Artes de Pelotas.

Em artigo de jornal (acervo particular de Janice), datado de 1964, o sr. Franco Villa faz considerações sobre este gesto de D. Carmem. Diz que todo o drama da sede própria da escola envergonha os pelotenses e a cidade de Pelotas, tida como tradicionalmente culta e generosa. Fala em egoísmo, incompreensão e injustiça antes de abordar o gesto de D. Carmem:

Foi então que surgiu mais uma vestal da Arte⁵³, impedindo que morresse a chama do entusiasmo estético e dando uma mansão condigna, sua própria casa, às Belas artes de Pelotas.

Esta ilustre dama pelotense, como já é do conhecimento público, foi D. Carmem Trápaga Simões. (ANEXO 4)

⁵¹ Através da lei 2.023 de 15 de outubro de 1953

⁵² Viúva de Dr. Francisco Simões, presidente da primeira Diretoria Administrativa da EBA.

⁵³ A outra seria D. Marina de Moraes Pires.



Figura 11 - Fotografia da doadora do prédio próprio para Escola de Belas Artes, Dona Carmem Trápaga Simões. O imóvel doado era a sua própria casa.

O prédio tão sonhado ainda passou por adaptações para que começasse, no ano letivo de 1965, a abrigar as atividades da Escola⁵⁴.

A direção da Escola de Belas Artes, na ocasião, requereu autorização ao Ministério da Educação para mudar a denominação do estabelecimento para Carmem Trápaga Simões, “numa justa homenagem à sua ilustre doadora”. O decreto nº 59.315 de 28 de setembro de 1966 altera a denominação do estabelecimento de ensino “Escola de Belas Artes de Pelotas” para “Escola de Belas Artes D. Carmem Trápaga Simões”. Esta denominação permaneceu até a federalização do curso.

⁵⁴ As obras de adaptação ficaram a cargo do governo do Estado, através do CEPE (Comissão Estadual de Prédios Escolares), dirigidas pelo “operoso engenheiro arquiteto Hugo Barzoni”. Em fins de 1963, esgotaram-se os recursos financeiros e os trabalhos foram paralisados. O presidente da instituição, na época o jornalista Jaime Gonçalves Wetzel, viaja a Porto Alegre fazendo contato com Dr. João Magalhães Filho, Secretário das Obras Públicas, que então liberou os recursos para o prosseguimento das obras.



Figura 12 - Fotografia do prédio doado por Dona Carmem Trápaga Simões à Escola de Belas Artes em 1963. Edifício situado à rua Marechal Floriano 177 e 179, esquina rua Barão de Santa Tecla. Acervo de Janice Pires Correa Franco.

4.6 Discursos sobre Arte e Ensino da Arte nos Periódicos de Pelotas

À época da fundação da EBA, os jornais de Pelotas publicam muitas matérias sobre os assuntos arte, ensino da arte e cultura.

No dia 15 de fevereiro de 1948, um ano antes do início do funcionamento da Escola, o jornal Diário Popular publica entrevista com o pintor e professor Ângelo Guido, que fala sobre problemas artísticos e intelectuais. A certa altura, o repórter pergunta-lhe sobre a possibilidade de termos, aqui, a nossa Escola de Belas Artes. Então Guido aborda a questão educar pela arte:

Guido faz questão de frisar no papel preponderante que a Arte desempenha na formação intelectual de um povo. E nós pensamos: pobre do povo brasileiro que de Arte só tem migalhas, preciosas migalhas que, de vez em

vez, conhecemos através dos jornais. E como exultamos ante uma exposição tão rara, principalmente nesta Pelotas! De fato, observe-se os degraus da civilização na França, na Itália, na Suíça e em outros países. Observe-se e veremos a escadaria que a arte construiu, despertando a emotividade, dando expansões á sensibilidade e erguendo o grau cultural de várias raças.

Guido assim fala. E fala com a autoridade de um mestre da pintura, como um grande mestre consagrado e que luta, diuturnamente, pelo aprimoramento de nossas qualidades intelectuais, como fator fundamental para a completa educação do espírito artístico nacional. (DIÁRIO POPULAR, 15/fev/1948, p. 10)

Já quando Ângelo Guido soube que a professora Marina de Moraes Pires, da cadeira de desenho da Escola Assis Brasil, havia estado em Porto Alegre tratando da fundação, aqui, de uma Escola de Belas Artes, disse: “O ambiente de Pelotas já comporta e merece, pela sua cultura e seu elevado grau artístico”.

Após a fundação do curso, este seguia sendo alvo do entusiasmo da comunidade pelotense; era muito valorizado e exaltado nas manifestações ocorridas, principalmente, nos jornais. Com apenas um ano de idade, já recebia estas críticas positivas:

Esplêndida realização no cenário da arte em Pelotas é, sem dúvida, a Escola de Belas Artes que, de modo expressivo, veio incorporar-se ao nosso patrimônio educacional, impondo-se já à admiração geral pelos magníficos resultados que apresenta.

Talvez para muitos despercebido, o que se faz ali, o que se constrói no terreno das artes plásticas, as revelações que em breve prazo estarão patentes aos olhos de todos, é algo de impressionante e de que nos devemos ufanar. Se não quiséssemos ser acoimados de exagerados, diríamos, mesmo, que um verdadeiro milagre se opera dentro daquelas paredes que abrigam uma quase centena de artistas em formação, artistas que darão a Pelotas mais um título de honra aos muitos que já a aureolam. (DIÁRIO POPULAR, 27 de agosto de 1952, p. 6)

Em 1964, é publicada no Diário Popular, que nesta edição aborda a questão do novo prédio da Instituição, manifestação do ex-reitor da Universidade do Rio Grande do Sul , professor Elyseu Paglioli, quando esteve na Escola de Belas artes de Pelotas. São as seguintes as palavras proferidas pelo importante visitante:

Tudo que falta nesta casa em recursos materiais, está substituído, com grande vantagem, pelo calor do idealismo que marca o traço de uma grande instituição de ensino.

Sim, a Escola de Belas Artes antes de mais nada é o resultado do verdadeiro amor à arte, da dedicação à cultura, do devotamento ao belo e ao sublime. Nascida de um grupo de sonhadores tornou-se realidade das mais usadas graças ao esforço daqueles que, apesar das dificuldades e dos obstáculos, não esmoreceram. Como exemplo desse espírito de entusiasmo às artes surge a figura de D. Marina de Moraes Pires que, desinteressadamente, tem dado todo o seu esforço no sentido de manter e expandir cada vez mais aquele estabelecimento de ensino superior. (DIÁRIO POPULAR, 13/12/63)

Estes escritos que eram publicados à época nos jornais da cidade a respeito da Instituição, podem ser abordados segundo o conceito de representação, categoria central da História Cultural, pois

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência por elas. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. (PESAVENTO, 2002, P. 39).

Assim, poderíamos alcançar o passado da Instituição por meio das suas representações, através da análise destes discursos pelos quais os homens expressam os seus valores, o seu mundo. Pode-se vislumbrar que tipo de sociedade havia nesta época, sociedade esta que se exprime através dos discursos de seus representantes na área intelectual. Estes representantes fazem o papel de “formadores de opinião”. Reis (1996) ensina, sobre o conhecimento histórico, que a percepção das experiências humanas não é jamais direta, imediata e muda, mas sempre articulada por uma “representação”, por um saber simbólico. Os discursos sobre a Instituição de ensino Escola de Belas Artes de Pelotas envolvem os emissores e os receptores em uma atmosfera de orgulho e entusiasmo.

Considerações Finais

Como afirmamos anteriormente, não há, até o presente momento, trabalhos que tenham se dedicado a realizar, especificamente, uma narrativa histórica acerca da Escola de Belas Artes de Pelotas (EBA) – atual Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas (IAD-UFPEL).

Iniciamos esta pesquisa com o objetivo de realizar estudo histórico sobre a emergência e os anos iniciais desta Instituição. Havia perguntas a serem respondidas, como: quem criou o curso? Porquê? Como? Para quem?

Para tentar obter respostas a estas perguntas, foi realizada exaustiva busca de fontes, durante quase dois anos. O trabalho foi composto a partir de todas as fontes possíveis de serem encontradas por esta pesquisadora, naquele momento. Provêm de três arquivos principais: o arquivo da própria instituição, o arquivo particular de Janice Pires Corrêa Franco e o arquivo, concluído durante o trabalho, das entrevistas realizadas por esta pesquisadora. Foram ainda utilizados, como fontes escritas, periódicos da época.

Este estudo foi realizado sistematizando estas fontes, e abordando-as segundo referenciais teóricos, de modo a obter conhecimento a respeito do tema e assim propor respostas às questões que nortearam a pesquisa.

Pode-se constatar que o nascimento da instituição estudada se deu por uma combinação de fatores que, naquele lugar e naquele momento, obteve êxito, “funcionou”. Os acontecimentos históricos são, no mais das vezes, resultado de múltiplos fatores, e no caso da Escola de Belas Artes de Pelotas não foi diferente.

A estratégia utilizada para apresentar o material obtido durante a pesquisa de campo e para melhor refletir sobre ele, foi dividir o trabalho em três partes: na primeira parte (item 2 do sumário), fazemos um pequeno histórico sobre o lugar onde surgiu o curso: a cidade de Pelotas, enfatizando seus aspectos sociais e culturais. Ainda nesta primeira parte, apresentamos dados históricos sobre outras instituições de ensino de arte, para que se pudesse pensar a instituição em estudo dentro de um sistema de instituições de ensino de artes visuais e sua relação com ele.

Na segunda parte (item 3 do sumário) tratamos da fundadora da Escola de Belas Artes, Dona Marina de Moraes Pires, e a sua atuação neste processo.

Finalmente (item 4 do sumário), focamos a Instituição em si: seus antecedentes, sua fundação, seus êxitos, seus problemas, seu papel na vida cultural da cidade, até ela ser incorporada pela UFPEL.

Não resta dúvida de que muito ainda há para se investigar a respeito da história desta instituição. Quanto mais avançávamos na pesquisa, mais percebíamos a riqueza do tema e o quanto ainda há por se descobrir. Como já foi dito, este trabalho é o resultado da abordagem das fontes que se pôde obter durante o período do mesmo. Temos consciência de que há informações importantes a obter e outras visões a respeito do tema que poderão ser desenvolvidas em outros trabalhos de pesquisa. Esta dissertação, que pretende ser uma contribuição para a área da história das instituições educativas – no caso, em artes plásticas - poderá servir como estímulo a outras descobertas e a outras abordagens do assunto.

No caso deste trabalho, para tentar entender o processo de fundação da Escola, primeiramente foi estudado o lugar em que este se deu: a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, onde em 1949 nasce a EBA, tem uma história peculiar. Diferentemente das outras cidades do estado, teve desde cedo especial desenvolvimento no campo da sociabilidade e da cultura. Isto aconteceu porque se formou aqui uma sociedade urbana, em que as artes, as letras e as ciências eram cultivados e valorizados. Era conhecida como a “Atenas do Rio Grande”, por conta de um período – fins do séc. XIX - em que houve, realmente, riqueza ímpar em bens

materiais e em bens culturais : o ciclo do charque. Este período de opulência forjou um tipo de sociedade e estabeleceu valores que permaneceram vivos mesmo após a decadência econômica, e perduram até os dias de hoje, como o valor dado à cultura e às artes.

Esta fase de pujança econômica e cultural teve grande importância no desenvolvimento das artes plásticas na cidade. Fez com que, já no século XIX, viessem para Pelotas retratar a “alta sociedade”, artistas estrangeiros como Frederico Trebbi, italiano, e Guilherme Litran, espanhol, que aqui fixaram residência e com seu trabalho contribuíram muito para a cultura e a consolidação do gosto estético dos pelotenses. Aqui pintavam, comercializavam suas obras e também ensinavam em aulas particulares. Para fins deste trabalho, nos interessam especialmente dois alunos de Frederico Trebbi: Leopoldo Gotuzzo e Marina de Moraes Pires. Leopoldo Gotuzzo será o patrono do museu de arte da cidade de Pelotas, e Marina de Moraes Pires, a fundadora da Escola de Belas Artes de Pelotas.

A análise das fontes revelou que “Dona” Marina de Moraes Pires, como é chamada pelas antigas alunas⁵⁵, foi realmente uma personalidade formidável. Foi como resultado do seu empenho, de sua luta para a realização de um sonho - que era dar à cidade de Pelotas uma instituição de ensino de arte – que nasceu a Escola de Belas Artes. É claro que o apoio recebido de um grupo social com os mesmos interesses e os mesmos valores foi fundamental e até imprescindível para um acontecimento de tal envergadura, mas a atuação de Dona Marina, confirmada por todas as fontes, foi o que “fez a diferença” e fez com que este desejo realmente se tornasse uma realidade.

D. Marina fazia parte da elite pelotense, e trabalhava. Era professora, como outras mulheres da sua época. Porém sua atuação faz com que a vejamos como uma mulher diferente, além do seu tempo, pela importância que a atuação na esfera

⁵⁵ Nunca se referem a D. Marina como “a professora Marina”, embora ela tenha sido professora de todas as entrevistadas.

pública adquiriu, em detrimento de sua vida privada. Foi uma mulher de vanguarda, pois não se acomodou no seu lugar de esposa, mãe e até mesmo no de professora da Escola Assis Brasil: quis mais, e conseguiu. Uma conquista que foi dela, das mulheres, e da cidade.

Na luta pela implementação do curso, em um primeiro momento, Dona Marina, apoiada principalmente pelo prefeito da cidade e também por outros políticos pelotenses, tentou conseguir junto aos governos, federal e depois estadual, a concessão de uma Escola de Belas Artes para Pelotas, nos moldes das escolas congêneres do país. A primeira tentativa, que a levou ao Rio de Janeiro ter audiência com o Ministro da Educação, foi em 1946. Sucessivas tentativas foram feitas, em outras instâncias, até 1949, porém não resultou em nada concreto. Então, em 1949, com pequena ajuda da prefeitura municipal, foi inaugurado o curso em caráter particular. Chamamos a atenção para este fato⁵⁶, que diferencia a implementação da Escola de Belas Artes de Pelotas das suas congêneres Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EBA – UFRJ) e Instituto de Artes da Universidade do Rio Grande do Sul (IA – UFRGS), frutos de iniciativas governamentais.

Não podemos deixar de ressaltar aqui um elemento que, constatamos, foi muito importante para a fundação da EBA, e mais ainda para o seu grande sucesso: a participação de Aldo Locatelli. Este pintor italiano, que havia há pouco tempo chegado em Pelotas para pintar os murais da Catedral São Francisco de Paula, aceitou ser professor de pintura no curso. Isto sem dúvida aumentou exponencialmente a importância do ensino proporcionado pela escola. Obviamente um professor europeu, do calibre de Locatelli, atraía interesse e agregava valor ao curso. O “velho mundo” e sua cultura estavam representados por um professor do curso. Quem fosse aluno do curso, era aluno do Locatelli. Quem expunha, eram os alunos do Locatelli. Quem visitava as exposições, via os trabalhos dos alunos de Locatelli, e até os dele próprio, que expunha também alguns trabalhos seus.

⁵⁶ Interessante notar que, segundo Peres (1995), também a Biblioteca Pública de Pelotas foi implementada por iniciativa particular, após tentativas frustradas junto aos governos.

Assim, a análise das informações trazidas por este trabalho nos faz pensar que o fato de Pelotas ter sido, em um momento de sua história (1860/1890)⁵⁷, uma cidade de opulência econômica e cultural ímpares influenciou na criação, em 1949, deste curso em nível superior de artes plásticas: a Escola de Belas Artes de Pelotas.

Isto porque foi a época de opulência e cultura que trouxe a Pelotas os pintores europeus Frederico Trebbi e Guilherme Litran. Foi o fato de Pelotas ter uma cultura diferenciada, mais “adiantada” que fez com que Marina Pires fosse aluna de Trebbi e desenvolvesse o conhecimento e o gosto pela arte. Foi a vocação cultural da cidade, o valor que a cidade dava à cultura e às artes que fez com que o Bispo trouxesse diretamente da Itália o pintor Aldo Locatelli para pintar a catedral da cidade. E foi a combinação destas condições e personagens, que resultou na consubstanciação da Instituição Educacional tema deste estudo.

Poderíamos então inferir que o atual Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas é, de alguma forma, um legado deste passado longínquo de opulência.

A instituição que hoje representa a vanguarda em artes visuais e design gráfico dentro da cidade de Pelotas seria “filha” da época do apogeu da indústria do charque. Se é verdade, isto talvez devesse “aparecer” de alguma forma nas suas práticas atuais, como elemento constituinte da sua identidade.

Nossa constatação é de que a existência, hoje, deste curso em nível universitário, gratuito, na área de artes visuais e design na nossa cidade é resultado direto de nosso passado de opulência (há elos que ligam este passado à criação da EBA) –e, inclusive, quando houve a criação da UFPEL, o curso estava pronto para ser “absorvido” e federalizado e ainda havia, nesta época, pelotenses com influência política suficiente para consegui-lo.

⁵⁷ Sobre este momento de opulência e cultura na cidade de Pelotas, ver Magalhães, 2003.

Certamente um maior conhecimento das origens e da trajetória da instituição auxiliará na composição de sua identidade e na valorização de sua singularidade, fator especialmente importante em um curso que lida com criatividade.

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Fontes Orais: Histórias dentro da História.** In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Orgs). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

AMARAL, Giana Lange do. **O Gymnasio Pelotense e a Maçonaria: uma face da história da educação em Pelotas.** Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

AMARAL, Giana Lange do. **Gatos Pelados X Galinhas Gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas. (1930 a 1960).** Tese de Doutorado. PPGEduc/UFRGS. 2003.

ARRIADA, Eduardo. **Pelotas: Gênese e Desenvolvimento Urbano (1780-1835).** Pelotas: Armazém Literário, 1994.

BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 2006.

_____. **A Imagem no Ensino da Arte.** São Paulo: perspectiva, 1991.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **Espelho de Papel: a imprensa e a história da educação.** In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JÚNIOR, Décio (Orgs). Novos Temas em História da Educação Brasileira. Campinas, SP: Autores Associados; Uberlândia, MG: EDUFU, 2002. (coleção memória da educação)

_____. **A Imprensa Periódica Educacional no Brasil (1808-1944).** In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CATANI, Denise Bárbara (Orgs). Educação em Revista: A Imprensa Periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

BARROS, José D'Assunção. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Netto (orgs.) **A Bússola do Escrever – Desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

BIASOLI, Carmen Lúcia Abadie. **Prática Pedagógica em Arte: os compromissos do professor que forma professores**. Dissertação de Mestrado. PPGEdU/UFPEL. 1997.

BISCARDI, Afrânio & ROCHA, Frederico Almeida. **O Mecenato Artístico de D. Pedro II e o Projeto Imperial**. In: 19&20. Vol. I, nº 1, maio de 2006.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. MICELI, Sérgio (org.). São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro / Lisboa: Bertrand Brasil / Difel, 1989.

BURKE, Peter (org). **A escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1992.

CATROGA, Fernando. **Memória e História**. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras do Milênio**. Porto Alegre: Ed. Universidade, UFRGS, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural - entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1990.

CHARTIER, Roger. **A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, nº 13, 1994, p 97 – 113.

CUNHA, Luis Antônio. **Ensino superior e universidade no Brasil**. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive, LOPES, Eliane Marta Teixeira (Orgs) 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

CUNHA, Maria Teresa S. **Diários Íntimos: Memórias de Professoras Normalistas**. In: Maria Christina S. Campos; Vera Lucia G. da Silva (Org.). Feminização do Magistério: Vestígios do passado que marcam o presente. 1ª ed. Bragança Paulista: Editora da Cidade de São Francisco, 2002, v. 1, p. 123-140.

_____. **Do Baú ao Arquivo: Escritas de si, escritas do outro**. Patrimônio e Memória (UNESP. Online) v.3, p. 1-18, 2007.

Delgado, Lucília de Almeida. **História Oral: memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DINIZ, Carmen Regina Bauer. **Nos Descaminhos do Imaginário : a tradição acadêmica nas artes plásticas de Pelotas**. Dissertação de Mestrado. IA/UFRGS. Porto Alegre, 1996.

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte. Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FARIA FILHO, Luciano Mendes (org). **Pensadores Sociais e a História da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1977.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 3ª ed. São Paulo, Atlas, 1991.

GOFF, Jacques Le. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

_____. **A História Nova**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HILSDORF, Maria Lúcia Spedo. **Histórias da Educação Brasileira: leituras**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

HUCH, Michele; TAMBARA, Elomar. **A Educação em Pelotas: O Entusiasmo Republicano (1889 – 1920)**. In: XI Encontro Sul-Riograndense de Pesquisadores em História da Educação. São Leopoldo: 2005, p. 63-69.

JANTZEN, Sylvio Arnaldo Dick. **A Ilustre Pelotense – tradição e modernidade em conflito: um estudo histórico da Universidade Federal de Pelotas e suas tentativas de racionalidade**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 4ª ed., Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.

LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família: leitura da fotografia histórica**. 2ª ed. São Paulo; Editora Universidade de São Paulo, 2000.

LOPES, Eliane Marta; GALVÃO, Ana Maria. **História da Educação**. 2º ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greice. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a Memória e o Arquivo**. Braga: Universidade do Minho, 1996

_____. **História das Instituições Escolares e das Práticas Educativas**. Braga: Universidade do Minho, 2000.

MAGALHÃES, Mario Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul - Um Estudo Sobre a Cidade de Pelotas (1860 - 1890)**. 2º ed. Pelotas: Editora da UFPel-Livraria Mundial, 1993.

_____. **Histórias e Tradições de Pelotas**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Conceito de Representações Sociais dentro da Sociologia Clássica**. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em Representações Sociais. 4ª ed., Petrópolis: Ed. Vozes, 1998.

_____. **O Desafio do Conhecimento – Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1992.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NÓVOA, Antônio. **A Imprensa de Educação e Ensino**. In: BASTOS, Maria Helena Câmara; CATANI, Denise Bárbara (Orgs). Educação em Revista: A Imprensa Periódica e a História da Educação. São Paulo: Escrituras, 1997.

OSÓRIO, Fernando. **A Cidade de Pelotas**. Pelotas: Armazém Literário LTDA., 1998.

PERES, Eliane Teresinha. **Templo de Luz: os Cursos Noturnos Masculinos de Instrução Primária da Biblioteca Pública Pelotense (1875-1915)**. Porto Alegre, dissertação de mestrado. Faculdade de Educação, UFRGS, agosto de 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2º ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

RAGAZZINI, Dario. **Para quem e o que testemunham as fontes de História da Educação?** In Educar em revista nº 18 Curitiba: Editora UFPR, 2001. p. 13-28

REIS, José Carlos. **Tempo, História e Evasão**. Campinas: Papirus, 1994

_____. **A História, Entre a Filosofia e a Ciência**. São Paulo: Ática, 1996.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **Introdução à História da Educação Brasileira**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

SANFELICE, José Luiz. **História de Instituições Escolares: Apontamentos Preliminares**. Revista HISTEDBR ON-LINE, nº 8, outubro de 2002. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/rev.html>

SAVIANI, Demerval; LOMBARDI, José Claudinei; SANFELICE, José Luís (orgs). **História e História da Educação / O Debate Teórico-Metodológico Atual**. 2ª ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2000.

SILVA, Ursula Rosa da; LORETO, Mari Lúcie. **História da Arte em Pelotas – a pintura de 1870 a 1980**. Pelotas, RS: Educat, 1996.

SIMON, Círio. **Origens do Instituto de Artes da UFRGS, etapas entre 1908-1962 e contribuições na constituição de expressões de autonomia no sistema de Artes Visuais do RS**. Tese de doutorado, Pós-Graduação em Historia, PUC/RS, 2002.

SOUSA, Cynthia e CATANI, Denice B. (orgs.). **Práticas Educativas, Culturas Escolares, Profissão Docente**. São Paulo: Escrituras, 1998.

STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena (orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

TAMBARA, Elomar. **A Formação Ideológica do Trabalhador na Diocese de Pelotas – RS: a Consolidação do Ultramontanismo (1910-1920)**. Cadernos de Educação. Faculdade de Educação – UFPEL ano 5, nº6, junho, 1996.

_____. **Problemas Teórico-Metodológicos da História da Educação**. Campinas: HISTEDBR, 2000. p.79-87.

_____. **Introdução à História da Educação no Rio Grande do Sul**. Pelotas: Seiva, 2000.

THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: História Oral**. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAINFAS, Ronaldo. **História das mentalidades e história cultural**. In: CARDOSO, Cirio Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

WERLE, Flávia Obino Corrêa. **História das Instituições Escolares: de que se fala?** In: I Jornada do HISTEDBR - Região Sul: História, Sociedade e Educação no Brasil, 2002, Ponta Grossa. p. 1-16.

_____. Identidade Institucional: papel dos gestores na preservação da história Institucional. **Pesquisa em História da Educação: Perspectivas comparadas. Anais do VII Encontro Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**. Pelotas, ASPHE, p. 301-317, maio de 2001.

Periódicos

DIÁRIO POPULAR (1946 – 1972)

A OPINIÃO PÚBLICA (1946 -1972)

ANEXOS

ANEXO I - Ofício



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA DE PELOTAS
GABINETE DO PREFEITO

Nº 601/1946.-

J/S.-1

EM 1º DE JULHO DE 1946.-

Índice: Apresentação(faz).

Excelentíssimo Senhor.

Tenho a satisfação de apresentar a portadora do presente, D. Marina Moraes Pires, professora de desenho da Escola Assis Brasil, desta cidade, que vai à presença de V. Excia. empenhar-se para a criação de uma Escola de Belas Artes em Pelotas.

A criação da referida Escola corresponde a um justo desejo dos pelotenses e esta Prefeitura se propõe a secundar, no possível, esse empreendimento. A cultura da cidade em relação a música e canto é atendida pelo Conservatório de Música, sob a direção do professor Milton de Lemos. A pintura e escultura continuam sem orientação eficaz, muito embora Pelotas possa apresentar artistas como Leopoldo Gotuzzo, Adail Bento Costa e Antônio Carangi. Sendo como é ponto de convergência de vasta zona do Estado onde vem procurar o aprimoramento intelectual grande número de moços, é natural que nesta cidade existam temperamentos artísticos, vocações que se delineiam e que perecerão por não poderem, como aqueles, procurar cultura em escolas fora da nossa cidade.

Com estas considerações, conto com o especial apoio de V. Excia. no sentido de conseguir junto ao Governo Federal a concessão de uma Escola de Belas Artes para Pelotas, nos moldes das Escolas congêneres do País.

Reiterando a V. Excia. as minhas melhores expressões de alto apreço e consideração, subscrevo-me

atenciosamente.

Procopio Duval Gomes de Freitas
Procopio Duval Gomes de Freitas.
Prefeito.

Ao Excelentíssimo Senhor Doutor ERNESTO DE SOUZA CAMPOS.

DD. Ministro da Educação.
RIO DE JANEIRO.-

ANEXO II – Telegramas

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS		TELEGRAMA	
NÚMERO DE EXPEDIENTE	90	CARIMBO DE ESTACIÃO	19
RECEBIDO	11	INDICAÇÕES DE SERVIÇO	TAXAS E ENDEREÇO
DE	horas	MARINA PIRES RUA DR BERCHON, 120 PELOTASRS	
P. EXEMPLO		# B. 97 PALEGRE 209 24 19. 1020	
HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.			
TEXTO E LA- TUFA	IMPOSSIBILITADO ATENDER AMAVÊL CONVITE FELICITO		
	NOBRE AMIGA PELA ESPLENDIDA REALIZAÇÃO GRANDE		
	SIGNIFICAÇÃO CULTURA ARTÍSTICA PELOTENSE		
	ANGELO GUIDO C. 120 =		

Imprensa Nacional 14.914

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

NÚMERO
DE
EXPEDIENTE

417

CARIMBU DA ESTAÇÃO



INDICAÇÕES DE SERVIÇO
TAXAS E ENDEÇOS

OF. DNA MARINA PIRES ESCOLA

BÉLAS ARTES PELOTAS

Recebo

De

As

Do

h. 17.11.17

PRESTÍGIO

Z 39 RIO 0085147.60.17.17H.

Este telegrama contém as seguintes indicações de serviço: espécie do telegrama, estação de origem, número do telegrama, número de palavras, data e hora da expedição, etc.

HABITE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE
O RECEBER. COM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA
FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

ACEITE MEUS AGRADECIMENTOS MUITO SINCEROS PELOS DELICIOSOS
DOCES TEVE A GENTILEZA ENVIAR ME PT QUANTO AO ATO
INAUGURAL CURSO PREPARATORIO ESCOLA BELAS ARTES LAMENTO
NAO PODER COMPARECER DADA IMPOSSIBILIDADE DE AFASTARME
DO RIO NESTE MOMENTO PT MUITO AGRADECO ENTRETANTO SEU
AMAVEL CONVITE FAZENDO VOTOS MAIOR BRILHO REFERIDA
SOLENIDADE ATENCIOSAS SAUDAÇÕES SOUZA COSTA

TEXTO

DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

TELEGRAMA

NÚMERO DE EXPEDIENTE

Recebido

De

Por

Em

Às

da

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

de

906



DEPARTAMENTO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS

MANOEL COSTA PARA MARIA
PIRES FELIZ CUNHA 856 PELOTASRS

B. 210 MARICA RJ 174, 22, 18, 10H

HABITUE-SE A INDICAR NO RECIBO DO SEU TELEGRAMA A HORA EM QUE O RECEBER. CCM ESSA PROVIDÊNCIA, AUXILIARÁ O DEPARTAMENTO NA FISCALIZAÇÃO DA ENTREGA DOS TELEGRAMAS.

TÉXTO E ASSINATURA

IMPOSSIBILITADO COMPARECER INAUGURACAO AGRADECO
CONVITE FAZENDO VOTOS GRANDE EXITO SDS ADAIL
BENTO COSTA -

[illegible]

TF 1014-4 000 B. 50000

RECEPÇÃO		
DATA 19-3-49	HORA 09H30	OF
TRANSM. AO TEL. Nº		
DATA	HORA	EMP.

COMPANHIA TELEFÔNICA RIO GRANDENSE

FONOGRAMA
CIA. TELEFÔNICA RIO GRANDENSE

DONA MARINA MURNES
PIRES

PLT

PALEGRE PA-17 32 18-3 21,00

AGRADEÇO GENTILEZA CONVITE PARA INAUGURAÇÃO CURSO PREPARATORIO
ESCOLA BELAS ARTES PT CORDS SAUDS. BALBINO DE SOUZA MASCARENHAS
SECRETARIO DA AGRICULTURA

TF 1014-4 000 B. 50000

RECEPÇÃO		
DATA 8-3-49	HORA 13H30	DE
TRANSM. AO TEL. Nº		
DATA	HORA	EMP.

COMPANHIA TELEFÔNICA RIO GRANDENSE

FONOGRAMA
CIA. TELEFÔNICA RIO GRANDENSE

PROFESSORA MARINA
MORAES PIRES

PLT

PALEGRE PA-58 30 18-3 12,00

LAMENTANDO IMPOSSIBILIDADE COMPARECIMENTO ATO INAUGURAL CURSO PREPARATORIO
ESCOLA BELAS ARTES VQ ESSA CIDADE VQ AGRADEÇO ATENÇÃO CONVITE E ENVIO VOTOS
PLENO EXITO GRANDE INICIATIVA PT SAUDS - AUREA PRADO

ANEXO III – Discurso de Formatura (1ª Turma)

aquilo que nos tem dado de sua pujante cultura e de seu boníssimo coração.

Impossível torna-se ainda, deixar de referir-me, à respeitosa diretora, a nossa querida D. Marina, pelos esforços incontáveis, que tem realizado, numa luta incessante para adquirir o de melhor para a nossa Escola; enfim pelo seu interesse, carinho e dedicação, qualidades estas, que ressaltam do seu formoso caráter e que ela distribui a mãos cheias, a todos indistintamente. À ela como retribuição de nossos corações agradecidos oferecemos a nossa preme amigável.

Jo finalizar quero agradecer, em nome do corpo docente e discente da nossa Escola, nesta reunião, cujo objetivo essencial é demonstrar o nosso afeto por aqueles que nos deam de tão boa vontade o seu apoio, o seu auxílio, o comparecimento de todos.

É a Escola de Belas Artes, a nossa paudação, porque, nós faremos e ela ficará eternamente a receber em seu seio e a pulir as gerações porvindoras.

Teda Rouzada

ANEXO IV – Artigo (Diário Popular – 13/04/64)

Os 15 Anos Da Escola De Belas Artes De Pelotas

O celebrado 15º aniversário convida, sua própria de nossa Escola de Belas Artes, às Belas Artes de Pelotas, a motivo que suscita uma matéria.

discussão sociológica em torno do papel da mulher no movimento da cultura.

Esta ilustre dama pelotense, como já é do conhecimento público, foi D. Carmen Trápaga

Há relativamente poucos anos tivemos a oportunidade de ler um interessante artigo na revista argentina "Atlántida" em que se destacava um fato que se vinha evidenciando mais e mais, devido aos afazeres econômicos, obrigando as mulheres a que se dedicavam a trabalhos domésticos, vinham deixando de lado o aprimoramento cultural, tarefa a que se vinham entregando mais completamente as damas burocratas.

Simões. Ela e D. Matina poderiam ser consideradas como as primeiras mestras da história contemporânea das Belas Artes em Pelotas. Repeliram elas gestos de grandes damas conterrâneas que faziam de suas casas centros de convergência do grande mundo, atraído belamente por luzes, sons e formas artisticamente cultivados, em festas memoráveis.

Aqui entre nós há sinais de fatos semelhantes aos apontados. Eis a Escola de Belas Artes de Pelotas fundada por D. Matina Moraes Pires e mantida graças à sua temperança de mulher pertencente em seus propósitos de dotar sua cidade natal de um ambiente sério, onde se processasse o cultivo das Artes Plásticas.

Numa expansão talvez mais generosa, adaptando-se à época de democratização da cultura, ambas senhoras abriram as janelas de suas almas para as gerações novas. Simbolizaram por seus gestos talvez muito mais que a materialidade de seus bens ou a dedicação de seu precioso tempo: reavivaram a fé bruxuleante da compreensão humana, e reacenderam nos corações combalidos a confiança em si mesmas, d'as para os empreendimentos pioneiros da terra pelotense. — FRANCO VILLA.

É sabido que não lhe faltaram maus momentos que teriam pôto por terra um espírito mais galhardo. Promessas de verbas e postergações de subvenções pareciam constituir a resposta aos seus esforços administrativos.

E o drama de uma sede própria convergirá os foros de uma cidade tida como tradicionalmente culta e generosa.

É que de quem se esperava um ato de compreensão e justiça, partiu reação de incompreensível egoísmo enraizado em falso conceito de tradição, realismo de que um outro setor artístico, desta feita municipal, também deve nos repelir, repulsa renovadora e dinâmica de um líder jovem e idealista, preferindo um conservadorismo obscuro e estéril.

Foi então que surgiu mais uma vez a Arte, impedindo que morresse a chama do entusiasmo estético e dando-nos

OS 15 ANOS DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PELOTAS (Anexo IV – Digitado)

O celebrado 15º aniversário de nossa Escola de Belas Artes é motivo que suscita uma meditação sociológica em torno do papel da mulher no manutenção da cultura.

Há relativamente poucos anos tivéramos a oportunidade de ler interessante artigo na revista argentina “Atlântida” em que era destacado um fato que se vinha evidenciando mais e mais: devido aos afazeres econômicos intensivos a que se dedicavam os homens platinos, vinham deixando de lado o aprimoramento cultural, tarefa a que se vinham entregando mais completamente as damas bonaerenses.

Aqui entre nós há sinais de fatos semelhantes aos apontados. Eis a Escola de Belas Artes de Pelotas fundada por D. Marina Morais Pires e mantida graças à sua têmpera de mulher pertinaz em seus propósitos de dotar sua cidade natal de um ambiente sério onde se processasse o cultivo das Artes Plásticas.

É sabido que não lhe faltaram maus momentos que teriam posto por terra um espírito menos galhardo. Promessas de verbas e postergações de subvenções pareciam constituir a resposta aos seus esforços administrativos.

E o drama de uma sede própria envergonhará os foros de uma cidade tida como tradicionalmente culta e generosa. É que de quem se esperava um ato de compreensão e justiça partiu reação de incompreensível egoísmo enraizado em falso conceito do tradicionalismo de que um outro setor artístico, desta feita musical, também dera mostra repelindo idéias renovadoras e dinâmicas de um líder jovem e idealista, preferindo um conservantismo obscuro e estéril.

Foi então que surgiu mais uma vestal da Arte, impedindo que morresse a chama do entusiasmo estético e dando uma mansão condigna, sua própria casa, às Belas Artes de Pelotas.

Esta ilustre dama pelotense, como já é do conhecimento público, foi D. Carmem Trápaga Simões. Ela e D. Marina podem ser consideradas como as colunas mestras na história contemporânea das Belas Artes em Pelotas. Repetiram elas gestos de grandes damas conterrâneas que faziam de suas casas centros de convergência do grande mundo atraído belamente por luzes, sons e formas artisticamente cultivados em festas memoráveis.

Numa expansão talvez mais generosa, adaptando-se à época de democratização da cultura, ambas senhoras abriram as janelas de suas almas para as gerações novas. Simbolizaram por seus gestos talvez muito mais que a materialidade dos seus bens ou a dedicação do seu precioso tempo: reavivaram a fé bruxuleante da compreensão humana e reacenderam nos corações combalidos a confiança em melhores dias para os empreendimentos pioneiros da terra pelotense.

FRANCO VILLA